



**mosaico
amazônia**
mapeamento
cultural do
artesanato
brasileiro

CRAB

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO

SEBRAE

Agradecimentos

Este trabalho nasce de muitas vozes, mãos e olhares que acreditam no poder transformador do artesanato brasileiro.

Nosso profundo agradecimento vai para cada artesão e artesã do Acre, Amazonas, Pará, Maranhão e Tocantins que compartilhou seu tempo, sua experiência e sua história durante o Mapeamento do Artesanato Brasileiro. Sem eles, não seria possível revelar a beleza e a diversidade que moldam as expressões artesanais dessa rica região.

Um agradecimento especial ao Diretor de Desenvolvimento do Sebrae Rio, Sergio Malta, grande entusiasta e incentivador dessa ação que une os estados em torno de um recorte tão simbólico e potente quanto a Amazônia Legal.

Estendemos também nossa gratidão ao Sebrae desses estados, parceiros incansáveis nessa jornada, e à equipe do Instituto Zagaia Amazônia, que conduziu com sensibilidade e dedicação essa iniciativa tão essencial para o fortalecimento e a valorização do artesanato em nosso país.

Que este material seja mais um passo para celebrar, reconhecer e difundir a força criativa que move o Brasil.

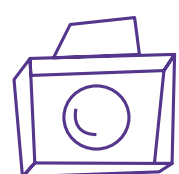
Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB)

Sumário

1. Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro: Foco na Amazônia Legal	05
2. Amazônia Legal	09
3. O Cenário Amazônico	11
4. As Cinco Amazôniaas	16
5. Contexto Geral da Amazônia	18
5.1 Bioma	18
5.2 Preservação	19
5.3 Principais Povos	23
5.3.1 Povos Indígenas	24
5.3.2 Povos Ribeirinhos	35
5.3.3 Povos Quilombolas	36
6. Artesanato da Amazônia Legal	37
6.1 Luta Instrumental	37
6.2 Luta Identitária	38
6.3 Luta Ética	38
7. Bioeconomia	41
7.1 Visões de Bioeconomia	43
7.1.1 Visão Biotecnológica	43
7.1.2 Visão Biorrecursos	43
7.1.3 Visão Bioecológica	43
7.2 Reflexões sobre a Amazônia e a Bioeconomia	44
7.3 Bioeconomia e Mudanças Climáticas	46
7.4 Pontos-Chave	47
8. Bioeconomia no contexto do artesanato amazônico	48
8.1 Inovação Tecnológica: A Vanguarda no Fazer Artesanal Amazônico	48
8.2 A Força dos Biorrecursos: A Essência da Floresta na Criação Artesanal	50
8.3 A Visão Bioecológica: O Artesanato como Guardião da Sustentabilidade	53
8.4 Síntese e Perspectivas para a Amazônia Legal	69
9. e-Books	76
10. Documentários	77

Como ler este e-book

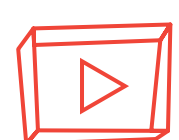
Este material é interativo. Alguns ícones contêm links para documentos extras, vídeos, fotografias e muito mais. Confira as sinalizações destacadas por cores:



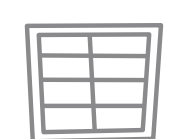
Fotografias dos nossos fotógrafos parceiros e equipe.



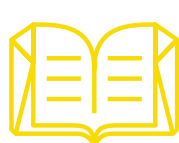
Imagens extras retirada de outros materiais.



Vídeos: todos clicáveis redirecionando para um material audiovisual.



Tabelas: organização das informações de forma sucinta.



Referências: todas clicáveis, com links para as teses, dissertações e artigos.



Saiba mais: com informações extras sobre um determinado assunto.



Links: sempre que esta mão aparece significa que é um hiperlink com materiais extras.



Voltar: no fim de cada capítulo, esse ícone volta para o sumário.



Entrevistas aprofundadas com os artesãos.



Questionário Simplificado com informações mais objetivas dos artesãos.



Balões de falas com citações diretas.



Luta instrumental



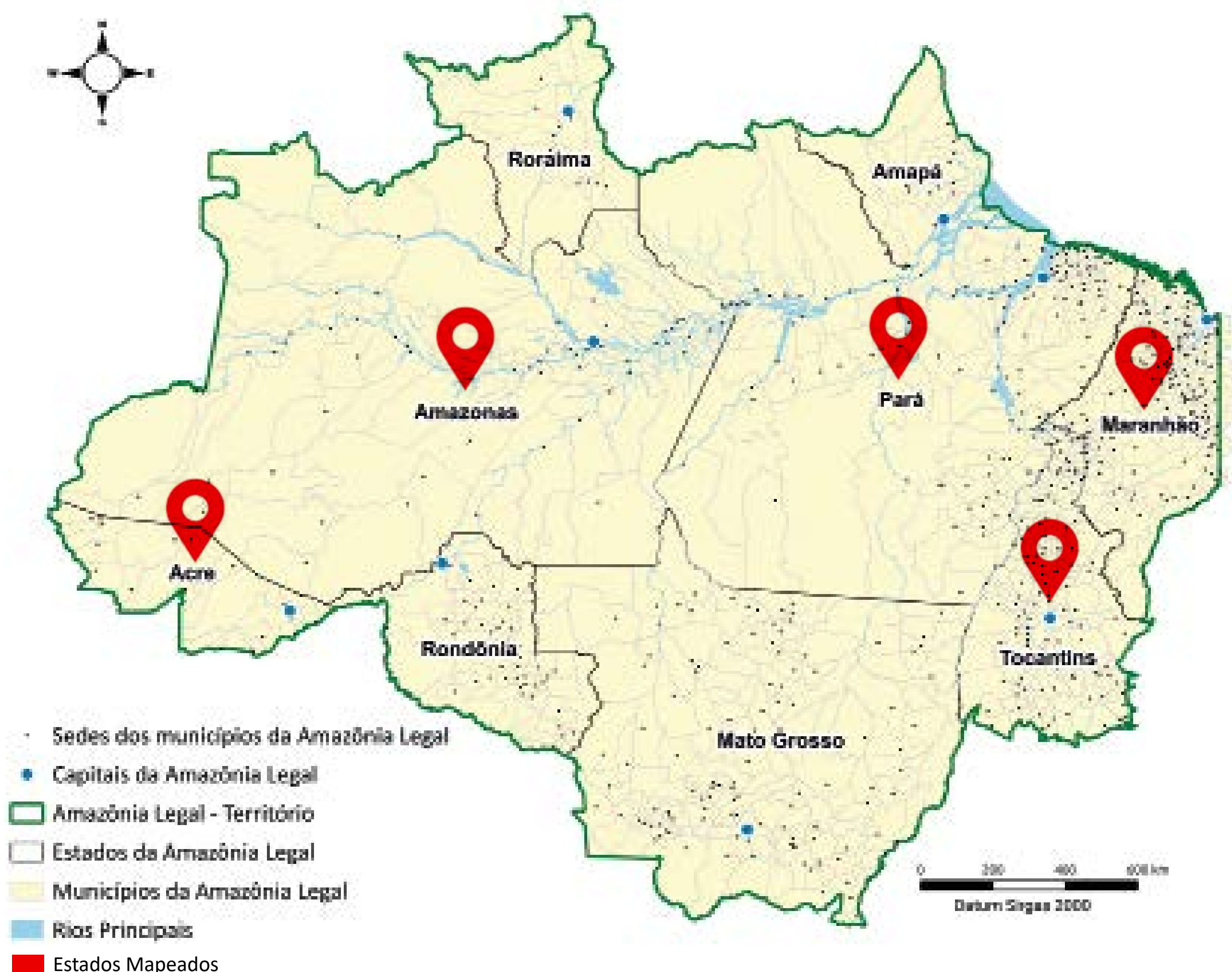
Luta identitária



Luta ética

1. Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro

Foco na Amazônia Legal



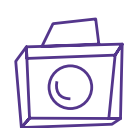
Mapa da Amazônia Legal destacando os 5 estados mapeados.

Fonte: Adaptado de Fatos Amazônia, 2025.

O projeto 'Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro', idealizado pelo Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), representa um marco fundamental para a valorização e documentação do rico universo artesanal do país. Acre, Amazonas, Maranhão, Pará e Tocantins foram escolhidos para o início dessa iniciativa, dada a vasta diversidade cultural e a relevância das tradições artesanais no cenário nacional.



Paisagem de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.
Foto por Sharlene Melanie.



Artesãos de cada um dos 5 estados mapeados.
Foto por Sharlene Melanie.

O mapeamento vai além da mera catalogação de técnicas e produtos. Busca capturar a essência da relação entre os artesãos, as comunidades e o meio ambiente, ecoando as vozes e histórias que moldam o tecido cultural da região. Isso inclui compreender as práticas de manejo sustentável, o profundo respeito pelo tempo ecológico que cada criação representa e os desafios logísticos na comercialização, que conectam o artesão amazônico aos mercados nacionais e internacionais.

O mapeamento é estruturado em torno de três dimensões de 'lutas' que permeiam a análise do artesanato:



O uso do artesanato como ferramenta vital para a sobrevivência econômica e geração de renda.



A afirmação e preservação das tradições culturais por meio do artesanato como forma de resistência e expressão.



O compromisso com a justiça social e ambiental, equilibrando a produção com práticas sustentáveis e responsáveis.

O mapeamento nesses cinco estados consolidou uma abordagem estruturada, que reconhece e valoriza o artesanato da Amazônia Legal como um **patrimônio cultural imaterial de inestimável valor**.

Dados

Mapeamento

Amazônia Legal



5

Estados documentados

Regiões do BR

2



Cidades

23



Episódios

17



Entrevistados

87



Tempo dos documentários

2h11min

e-books

6



Tempo de viagens

4 dias 3h49min

+99h



45h20min
aéreo



52h24min
terrestre



4h5min
fluvial



Produtos

9

- pesquisa (teórica e campo)
- entrevistas
- e-book
- questionário
- banco de imagem
- fichas técnicas
- documentário
- relatórios
- pesquisa musical (trilha sonora)





2. Amazônia Legal

A Amazônia Legal é um conceito político-administrativo e uma vasta área geográfica, idealizada pelo governo brasileiro com o objetivo de planejar o desenvolvimento da região, promovendo o desenvolvimento agrícola, industrial e a criação de infraestrutura. A Lei 1.806/1953 instituiu o Plano de Valorização Econômica da Amazônia com esse fim e criou a Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) para executá-lo (BRASIL, 1953). Anos depois, em 1966, a Lei 5.173 extinguindo a SPVEA . criou a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, a Sudam (BRASIL, 1966).



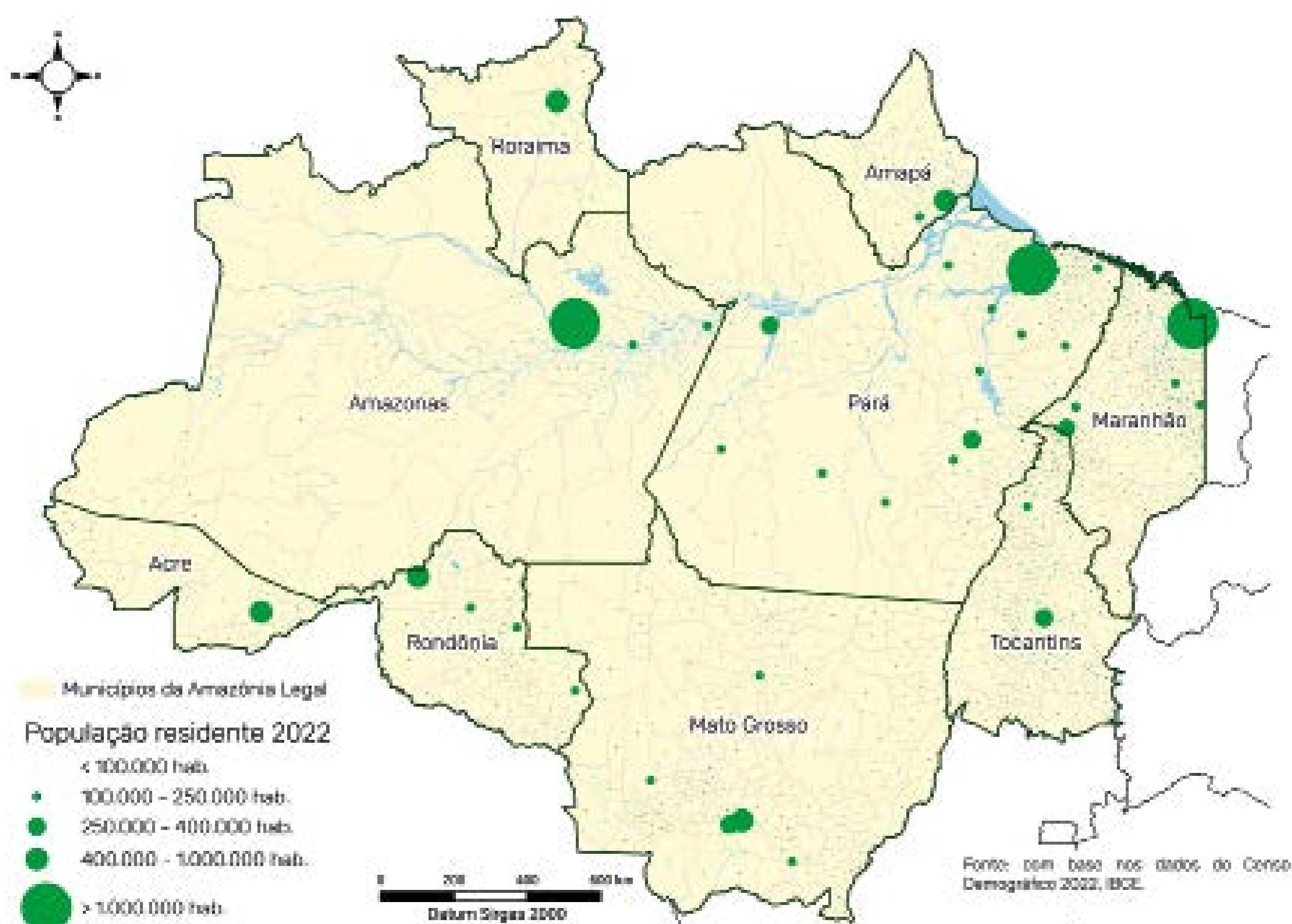
Vista aérea do Museu da
Amazônia, Manaus - AM.
Foto por Sharlene Melanie


Compreendendo aproximadamente **cinco milhões de quilômetros quadrados**, a Amazônia Legal equivale a **59% do território brasileiro**.

Atualmente, a extensão da Amazônia Legal inclui integralmente o **Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins**, além de englobar a totalidade do **Mato Grosso** e uma parte substancial do **Maranhão**.

Essa delimitação particular significa que a **Amazônia Legal incorpora não apenas a floresta tropical do Bioma Amazônia, mas também fragmentos dos biomas Cerrado e Pantanal, predominantemente no Mato Grosso** (IBGE, 2022a; IBGE 2022b).

Em termos demográficos, a população da **Amazônia Legal alcançou 26,7 milhões de habitantes em 2022**, o que representa cerca de **13%** da população total do Brasil. Os estados do **Pará** (8,1 milhões) e **Maranhão** (5,6 milhões) são os mais populosos dentro dessa região (SANTOS et al., 2025).



 Tamanho da população nos municípios da Amazônia Legal, 2022. Fonte: Fatos Amazônia, 2025.

3. O Cenário Amazônico

Na grande e complexa região amazônica, frequentemente vemos um impasse: “um crescimento econômico efêmero, a partir do desmatamento desenfreado seguido de um colapso social e econômico” (ESPECIAL-AMAZÔNIA, 2024).

No entanto, o coletivo **Amazônia 2030** propõe uma perspectiva transformadora denominada “**Paradoxo Amazônico**”. Essa ideia central sugere que os próprios fatores que hoje representam obstáculos para a região têm o potencial para impulsionar as soluções e garantir um futuro mais promissor.

O PARADOXO AMAZÔNICO

Os grandes problemas também são as oportunidades da Amazônia Legal



1

DESMATAMENTO

PROBLEMA

O Brasil e a Amazônia Legal desmataram muito e de maneira desordenada

OPORTUNIDADE

É possível aumentar a produção apenas com a área desmatada da pecuária e agricultura



2

EMISSÕES

PROBLEMA

A Amazônia é a maior fonte de gases de efeito estufa (GEE) do Brasil e pode desequilibrar o clima da Terra

OPORTUNIDADE

A conservação da floresta é uma das formas mais baratas e eficientes de compensar a emissão de carbono



3

DESEMPREGO

PROBLEMA

Existem 8 milhões de pessoas desempregadas na Amazônia, incluindo muitos jovens

OPORTUNIDADE

Essas pessoas podem gerar renda e riquezas com chances de trabalho e boa formação profissional



Paradoxo Amazônico.
Fonte: Amazônia 2030.



Essa visão paradoxal se estrutura em três pilares fundamentais:

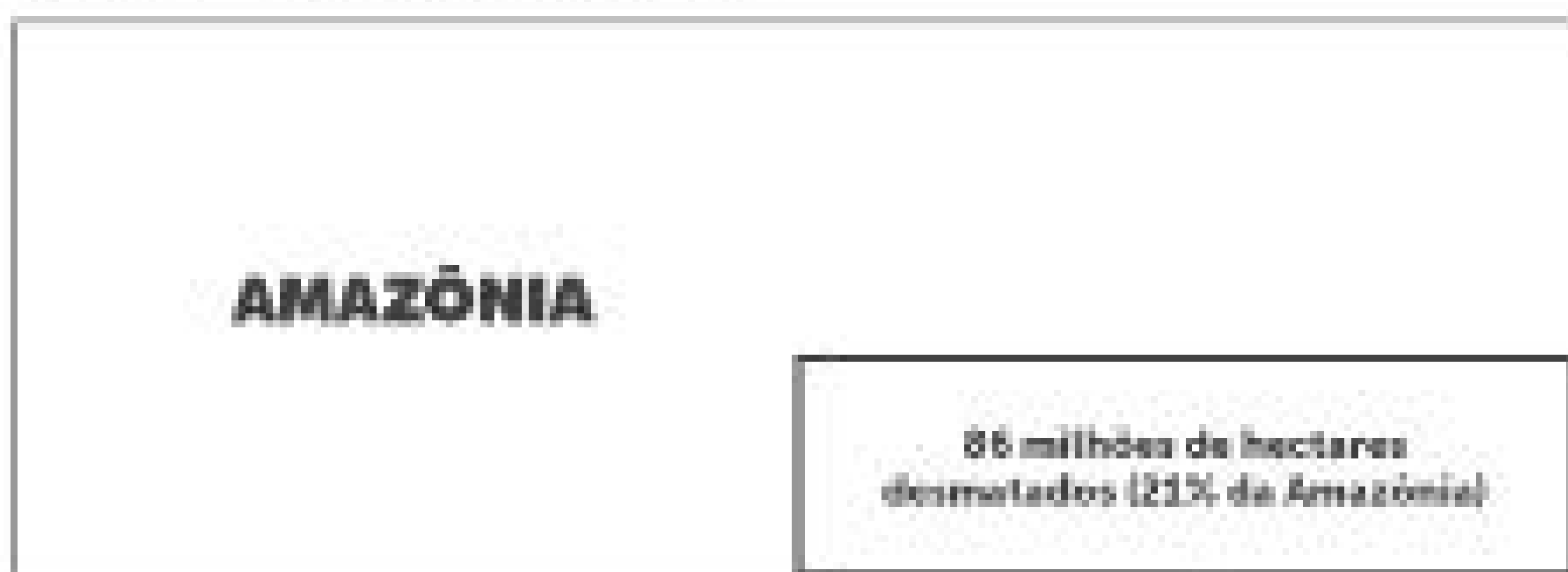
A. O reaproveitamento do solo já transformado

Em pouco mais de quatro décadas, uma ampla extensão de terra – mais de 84 milhões de hectares – foi desmatada na Amazônia. Contraditoriamente, aproximadamente **dois terços** dessas áreas já abertas **estão subutilizadas ou em estado de degradação**. Isso revela uma oportunidade imensa: é **possível expandir a produção agropecuária na região sem derrubar uma única nova árvore**, apenas otimizar o uso dessas terras. Adicionalmente, vastas porções poderiam ser destinadas **à recuperação florestal**, aproveitando o crescente mercado de crédito de carbono e gerando valor por meio da restauração ecológica.

O QUE CABE NA ÁREA DESMATADA

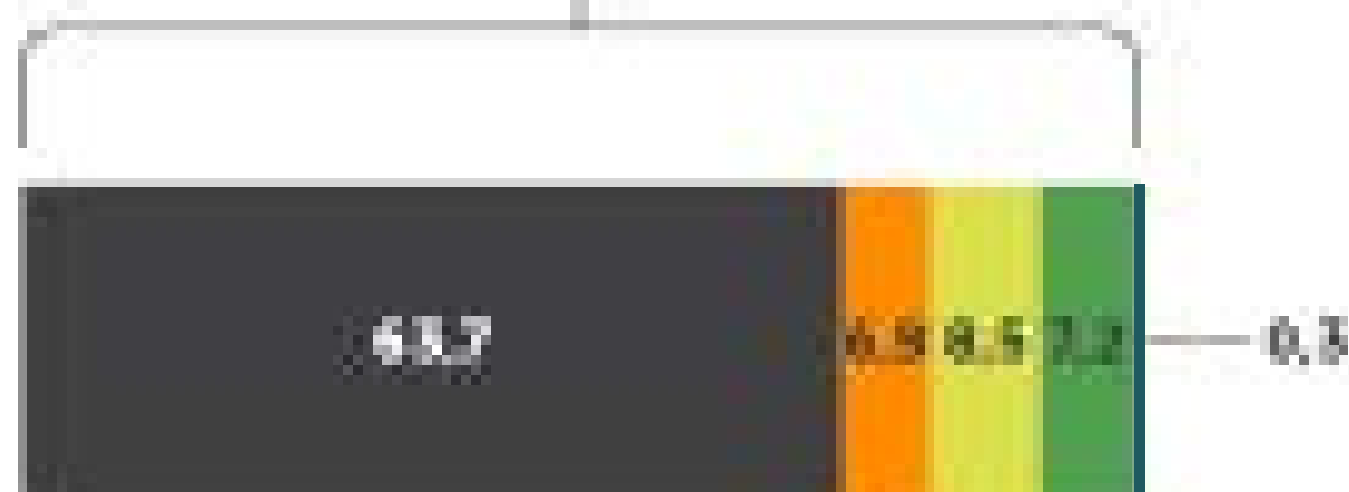
Como podemos aproveitar melhor o que já foi aberto na Amazônia (em milhões de hectares)

1 Cerca de 21% da Amazônia já foi desmatada, o equivalente a 86 milhões de hectares*



2 Hoje esta área aberta está aproveitada da seguinte forma:

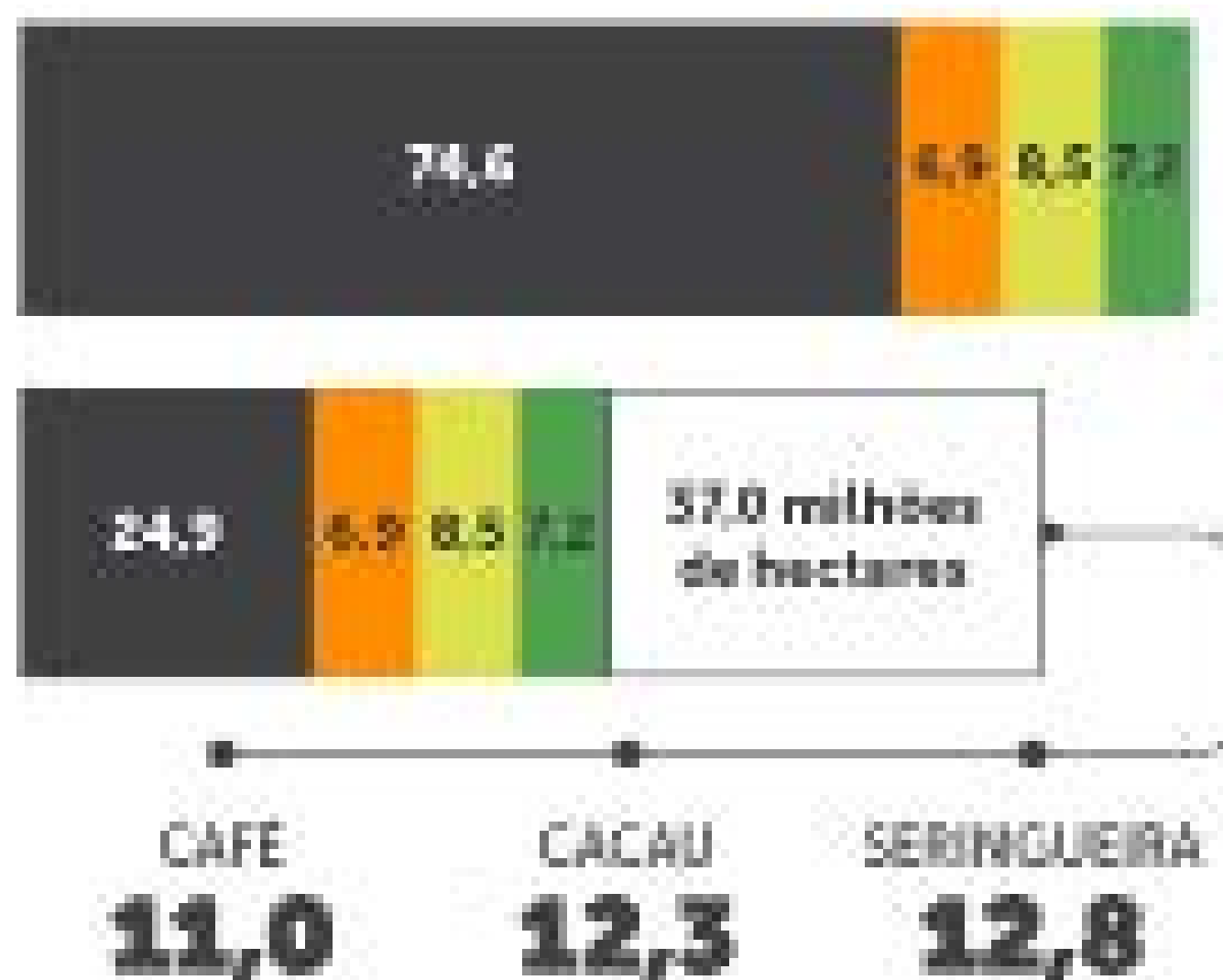
- PASTAGEM
- AGRICULTURA
- FUMO
- VEGETAÇÃO SECUNDÁRIA (2,2 MILHÕES DE HECTARES)
- REFLORESTAMENTO



1 Seguindo no ritmo atual, para atender a demanda sem aumento de produtividade será necessário aumentar a área desmatada até 2030

2 Com um aumento de produtividade na pecuária, será possível atender essa demanda com menos área de pastagens, deixando um total de 17 milhões de hectares livres

3 Esta área é tão grande que caberia toda a plantação mundial de...



Possibilidades para aumentar a produtividade da agropecuária. Fonte: Amazônia 2030.



B. O valor intrínseco da floresta intacta

A área da floresta amazônica que permanece em pé adquire um valor cada vez maior. Não apenas abriga uma **biodiversidade incomparável**, mas também oferece serviços ecossistêmicos cruciais para o Brasil e para o planeta. Dentre esses, destacam-se os **“rios voadores”**, que são as correntes de vapor d’água geradas pela transpiração da floresta. Essas, que se deslocam por milhares de quilômetros, abastecendo com chuva importantes centros agrícolas e bacias hidrográficas no Centro-Sul do país, são vitais para a produção de alimentos e energia hidrelétrica. Preservar a floresta não é apenas uma obrigação ambiental, mas uma estratégia eficiente e econômica para mitigar as emissões de carbono e assegurar o equilíbrio climático.



Rio voador observado na estrutura mais alta da América do Sul. Foto por National Geographic

O caminho dos rios voadores

3 Essa unidade avança em sentido oeste até atingir a Cordilheira dos Andes. Durante essa trajetória, o vapor d'água sofre uma recirculação ao passar sobre a floresta.


2 A intensa evapotranspiração e condensação sobre a Amazônia produz a sucção dos aliseos, bombeando esses ventos para o interior do continente, ganhando chuvas e fazendo mover os rios voadores.

1 Na faixa equatorial do Oceano Atlântico ocorre intensa evaporação. É lá que o vento carrega-se de umidade.

4 Quando a umidade encontra a Cordilheira dos Andes, parte dela se precipitará novamente, formando as cabeceiras dos rios da Amazônia.

5 A umidade que atinge a região andina em parte retorna ao Brasil por meio dos rios voadores e pode precipitar em outras regiões.

6 Na fase final, os rios voadores ainda podem alimentar os reservatórios de água do Sudeste e da Região Sul, se dispersando pelos países fronteiriços, como Paraguai e Argentina.

 Caminho dos rios voadores.
Fonte: riosvoadores.com.br



 Assista ao vídeo **“Rio voador observado na estrutura mais alta da América do Sul”** realizado pela National Geographic.





 Jovens da aldeia Puyanawa, no Acre.
Foto por Sharlene Melanie.

C. A força da juventude como impulso para o futuro

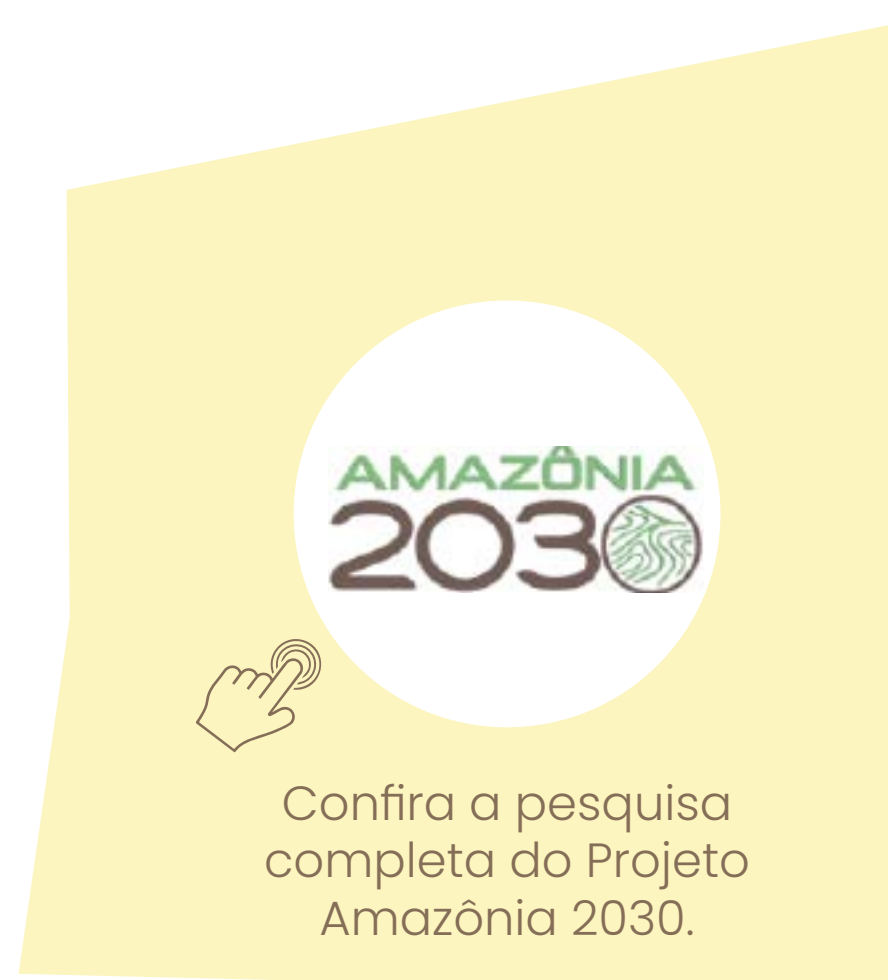
A Amazônia desfruta de um cenário demográfico favorável: uma parcela considerável da população encontra-se em idade ativa (entre 18 e 64 anos), contrastando com a dinâmica de envelhecimento observada em outras regiões do Brasil. Essa vitalidade representa um imenso potencial para o desenvolvimento econômico e social. No entanto, a carência de oportunidades de trabalho adequadas tem convertido essa vantagem demográfica em um fardo social, contribuindo, inclusive, para o crescimento da violência.

Em paralelo a essa questão social, e a partir das **percepções levantadas durante o Mapeamento**, nas entrevistas com lideranças, foi constatado que em muitos dos territórios pesquisados, a continuidade do artesanato – que possui um grande potencial como motor de desenvolvimento econômico e de valorização cultural – **enfrenta um desafio particular: a desmotivação dos jovens em dar sequência à tradição e preservar esse patrimônio.**

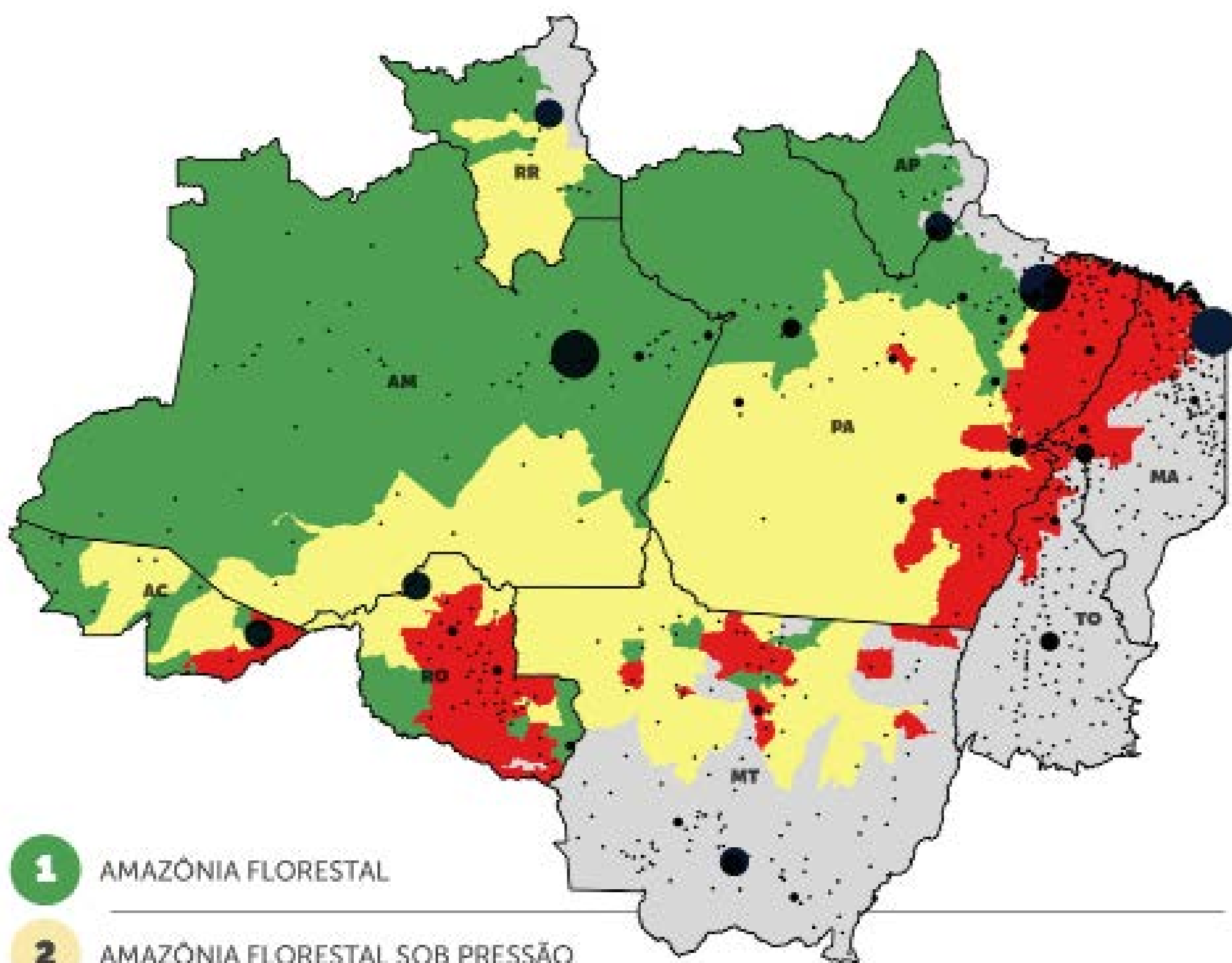
Para que esse “bônus demográfico” se traduza em impulso efetivo para o futuro e o interesse da juventude pelo artesanato seja revitalizado, investimentos estratégicos são cruciais. Isso inclui a criação de um **dinamismo econômico que gere perspectivas claras e motivadoras para as novas gerações.**

4. As Cinco Amazônias

O **Projeto Amazônia 2030**, iniciativa de pesquisadores brasileiros, tem como objetivo central desenvolver um plano de ações para que a região alcance um patamar superior de desenvolvimento econômico e humano até 2030, promovendo o uso sustentável dos recursos naturais.



Pesquisadores propuseram o conceito **“As Cinco Amazônias”** (Veríssimo et al., 2023), que divide a Amazônia Legal em cinco zonas, baseadas na cobertura vegetal remanescente:



- 1** AMAZÔNIA FLORESTAL
- 2** AMAZÔNIA FLORESTAL SOB PRESSÃO
- 3** AMAZÔNIA DESMATADA
- 4** AMAZÔNIA NÃO FLORESTAL (CERRADO)
- 5** AMAZÔNIA URBANA



AMAZÔNIA FLORESTAL

1.996.540 km²
39%

1. Amazônia Florestal
Ocupa **39%** da área e representa as regiões mais bem conservadas, localizadas principalmente no estado do Amazonas e no Norte do estado do Pará.



AMAZÔNIA FLORESTAL SOB PRESSÃO

1.483.100 km²
29%

2. Amazônia Sob Pressão
Abrange **29%** da região, caracterizada por extensa cobertura florestal, mas com **desmatamento crescente, extração ilegal de madeira, garimpo e grilagem.**



AMAZÔNIA DESMATADA

547.262 km²
11%

3. Amazônia Desmatada
Corresponde a **11%** da área, onde **grande parte da floresta original foi removida, muitas vezes subutilizada ou abandonada.**

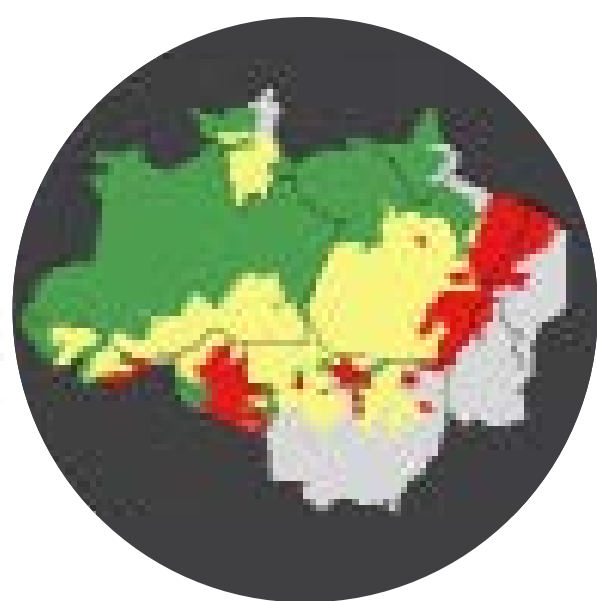


AMAZÔNIA NÃO FLORESTAL (CERRADO)

1.041.146 km²
21%

4. Amazônia Não Florestal
Constitui **21%** da Amazônia Legal, composta principalmente por vegetação de **Cerrado (com menos de 50% de cobertura florestal)**, concentrada em **Mato Grosso, Tocantins e Roraima.**

TOTAL AMAZÔNIA LEGAL
5.068.048 km²
100%



5. Amazônia Urbana
Onde reside a maioria da população (**76%**), representando os centros urbanos da região.



Zonas e área territorial das cinco Amazôniaas.
Fonte: Adaptado Amazônia 2030.



5. Contexto Geral da Amazônia

5.1 Bioma

O Bioma Amazônia é um complexo ecossistema que se estende por 4,2 milhões de quilômetros quadrados, representando 48% do território nacional. Caracterizado por vastas florestas tropicais úmidas, intrincada rede hidrográfica e biodiversidade sem paralelo. Um conjunto de ecorregiões com fauna, flora e dinâmicas ecológicas interconectadas. Este bioma colossal não é apenas um patrimônio natural, mas um pilar fundamental para o equilíbrio climático global. (Santos et al., 2025).

QUAL A EXTENSÃO E A DISTRIBUIÇÃO DA AMAZÔNIA

Bioma abrange floresta e outras vegetações menores não florestais, como campinarana e lavrado. Ele está presente em oito países, um território ultramarino, e representa metade do território brasileiro.

A Amazônia é:



39,5%
da América do Sul



65,8% maior
que a União Europeia



9,0% menor
que os Estados Unidos
contíguos, sem o
Alaska e o Haváí



28,3 vezes
maior que o estado
de São Paulo



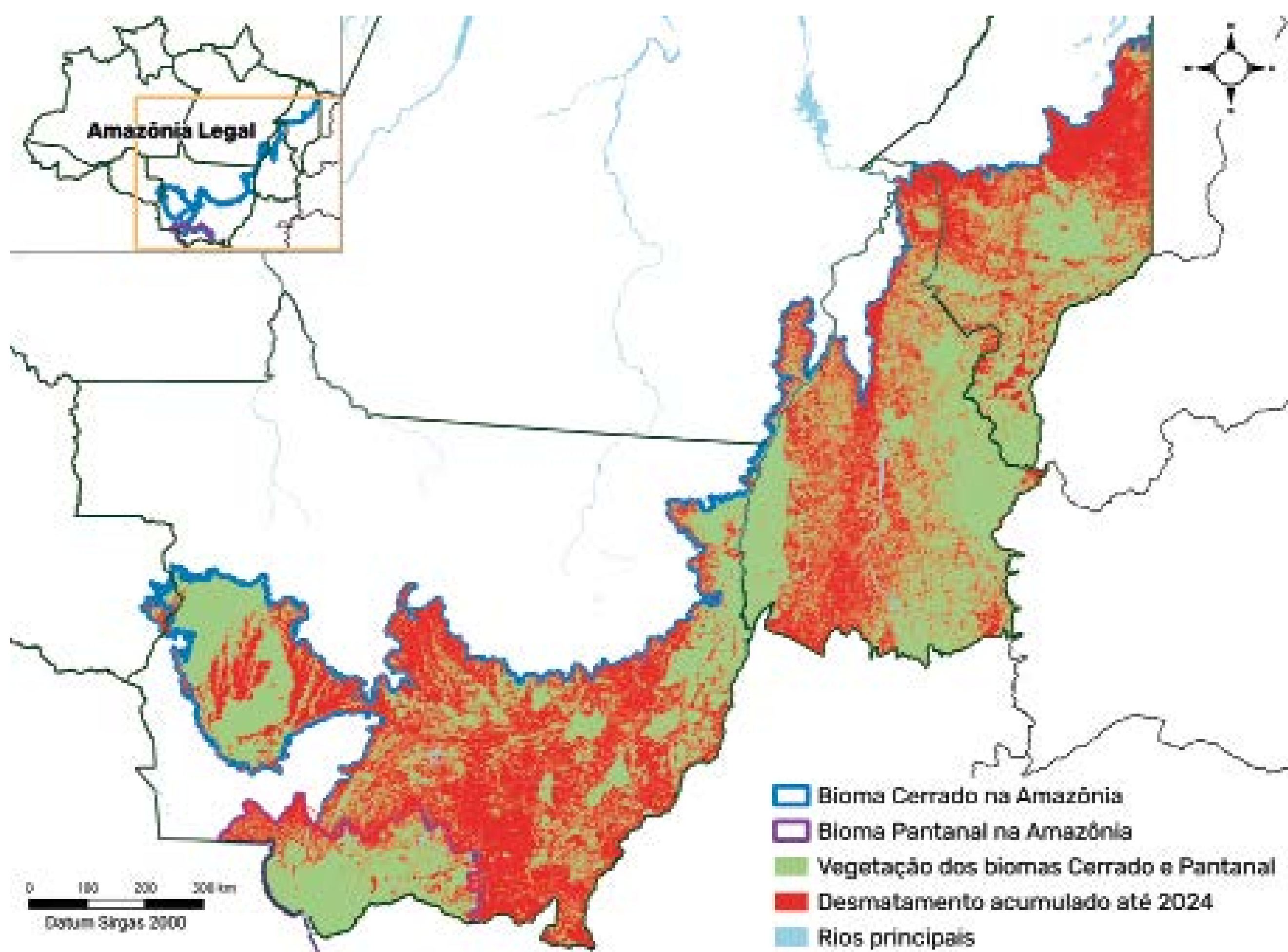


5.2 Preservação

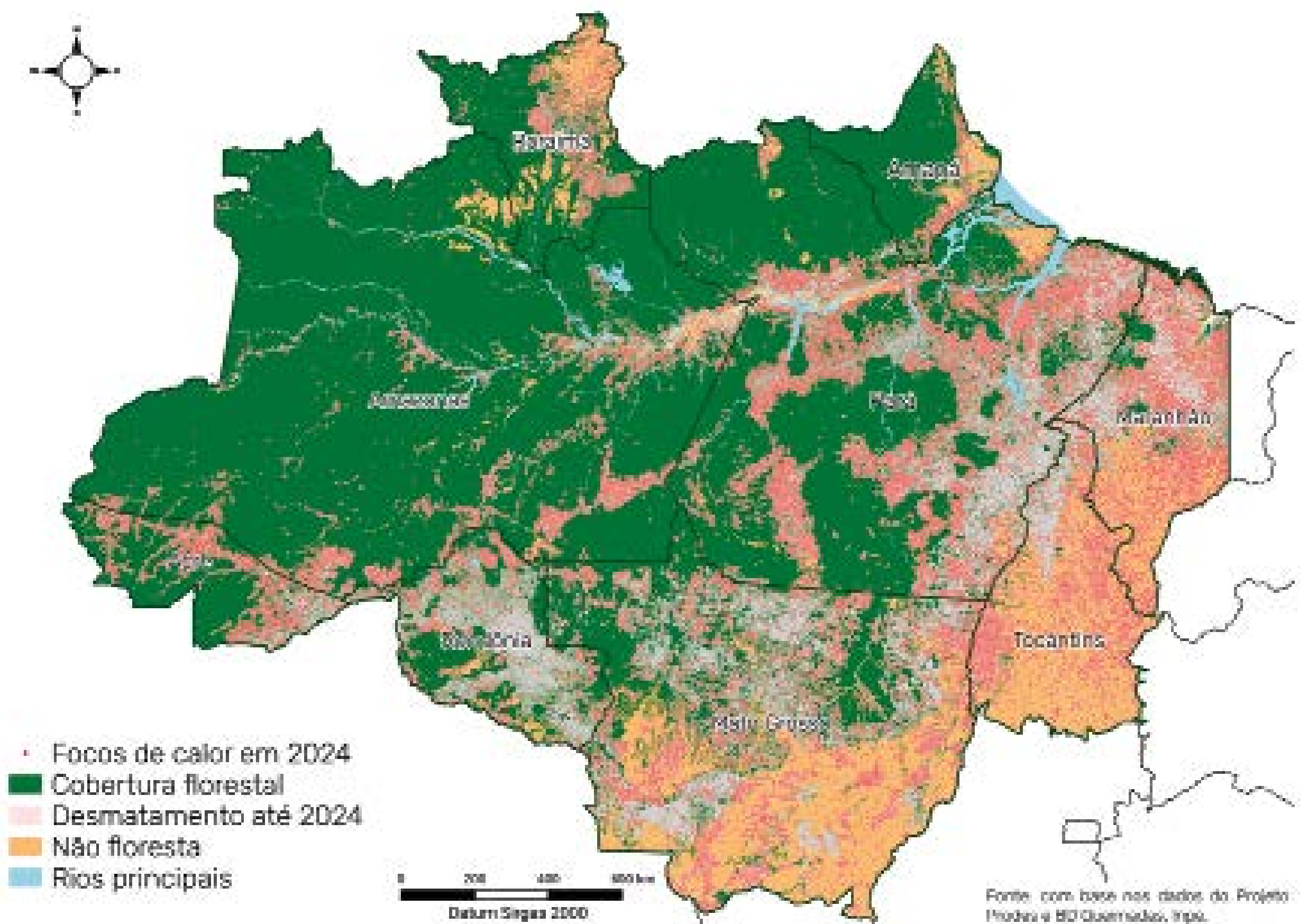
A preservação da Amazônia é um tema de extrema relevância, dada a importância da floresta para o planeta. **A região está sob constante pressão, evidenciada por indicadores preocupantes:**

- **Desmatamento e Degradação Florestal:** A taxa de desmatamento de floresta primária na Amazônia Legal teve um aumento considerável entre 2017 e 2021, embora tenha registrado uma **redução em 2024**. Os estados do Pará, Mato Grosso e Amazonas são os mais impactados. O desmatamento acumulado até 2024 foi alarmante, resultando na perda de uma parcela significativa da cobertura florestal original (Inpe, 2024 apud SANTOS et al., 2025, p.21).

Além disso, o **Bioma Cerrado** presente na Amazônia Legal também sofre com o desmatamento, com picos recentes em 2022 e 2023, **sendo Mato Grosso e Tocantins os mais afetados** (Inpe, 2025 apud SANTOS et al., 2025, p. 26).

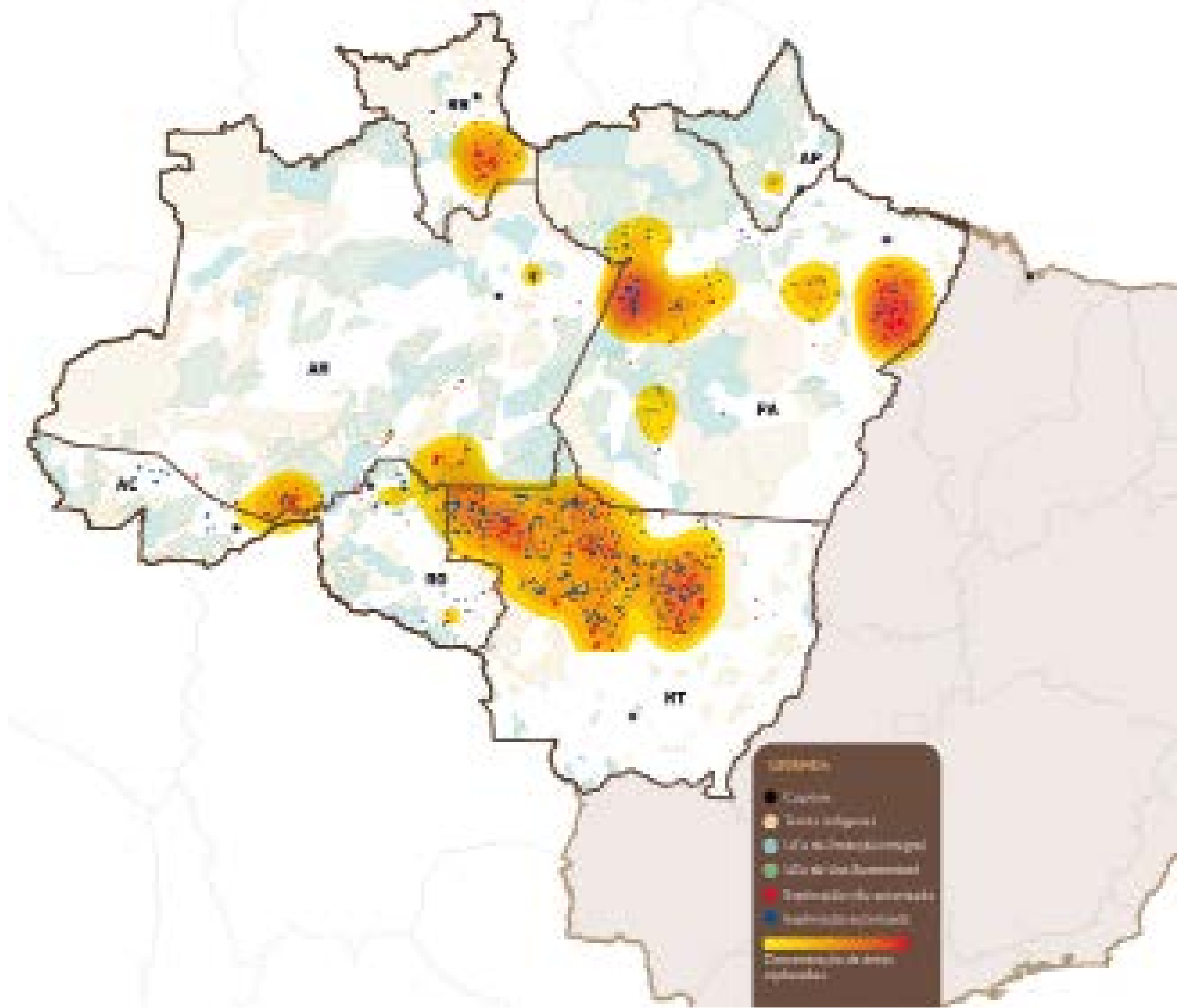


Focos de calor e queimadas, monitorados pelo Inpe, indicam atividades como **limpeza de pastos e agricultura de corte e queima**. O **garimpo ilegal** expandiu a área drasticamente entre 2000 e 2023 (Mapbiomas, 2024 apud SANTOS et al., 2025, p. 30), concentrando-se em regiões como o **Tapajós, no Pará, e a Terra Indígena Yanomami, em Roraima**.



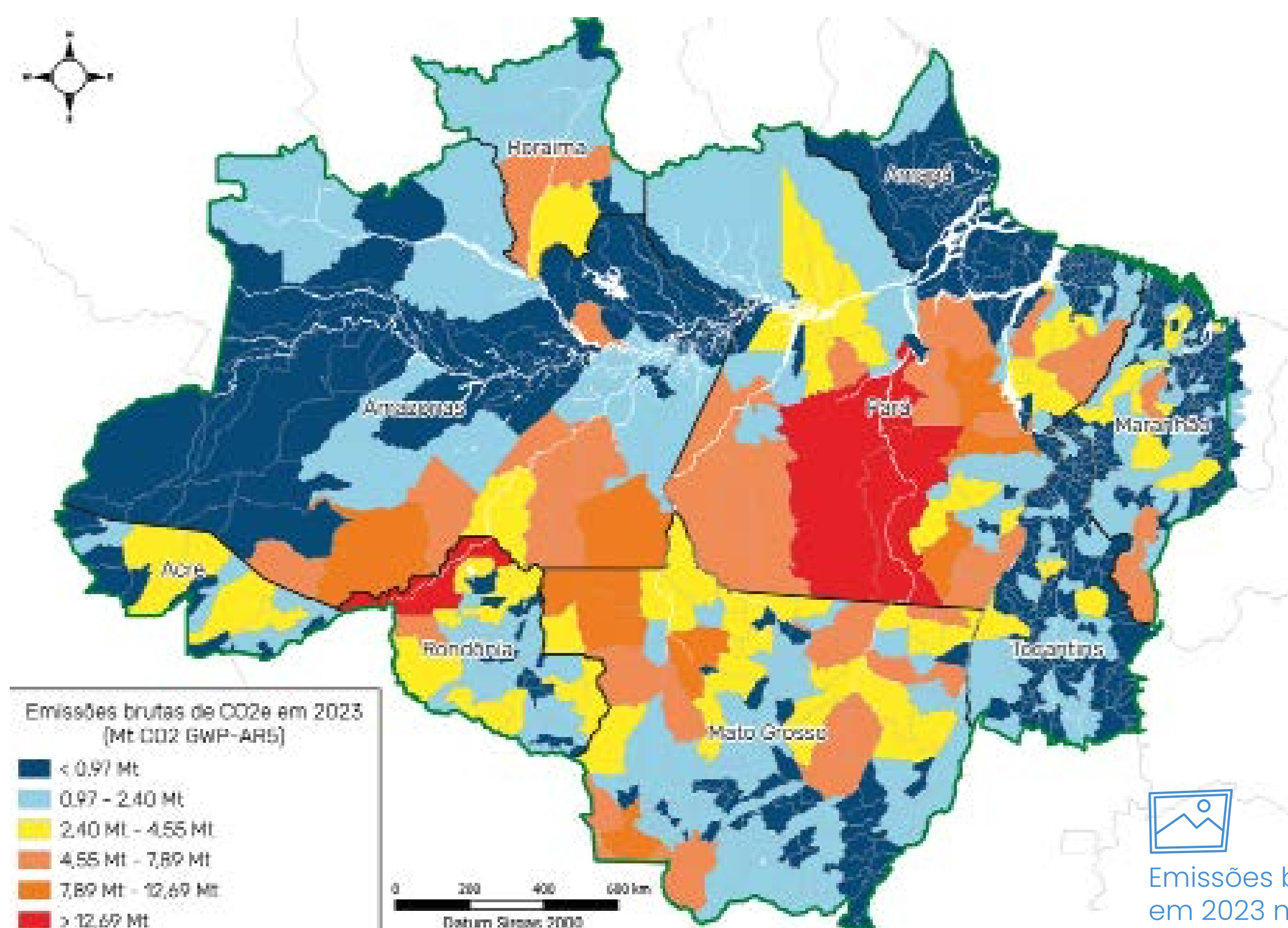
Focos de calor em 2024 na Amazônia Legal
Fonte: Inpe apud SANTOS et al., 2025, p. 28.

● **Exploração de Madeira:** Embora o Sistema de Monitoramento da Exploração Madeireira (Simex) tenha registrado uma redução geral na exploração madeireira entre 2020 e 2023, essa atividade continua concentrada em estados como **Mato Grosso, Amazonas, Pará e Rondônia**, com uma parte significativa ocorrendo de forma não autorizada (Simex, 2025).



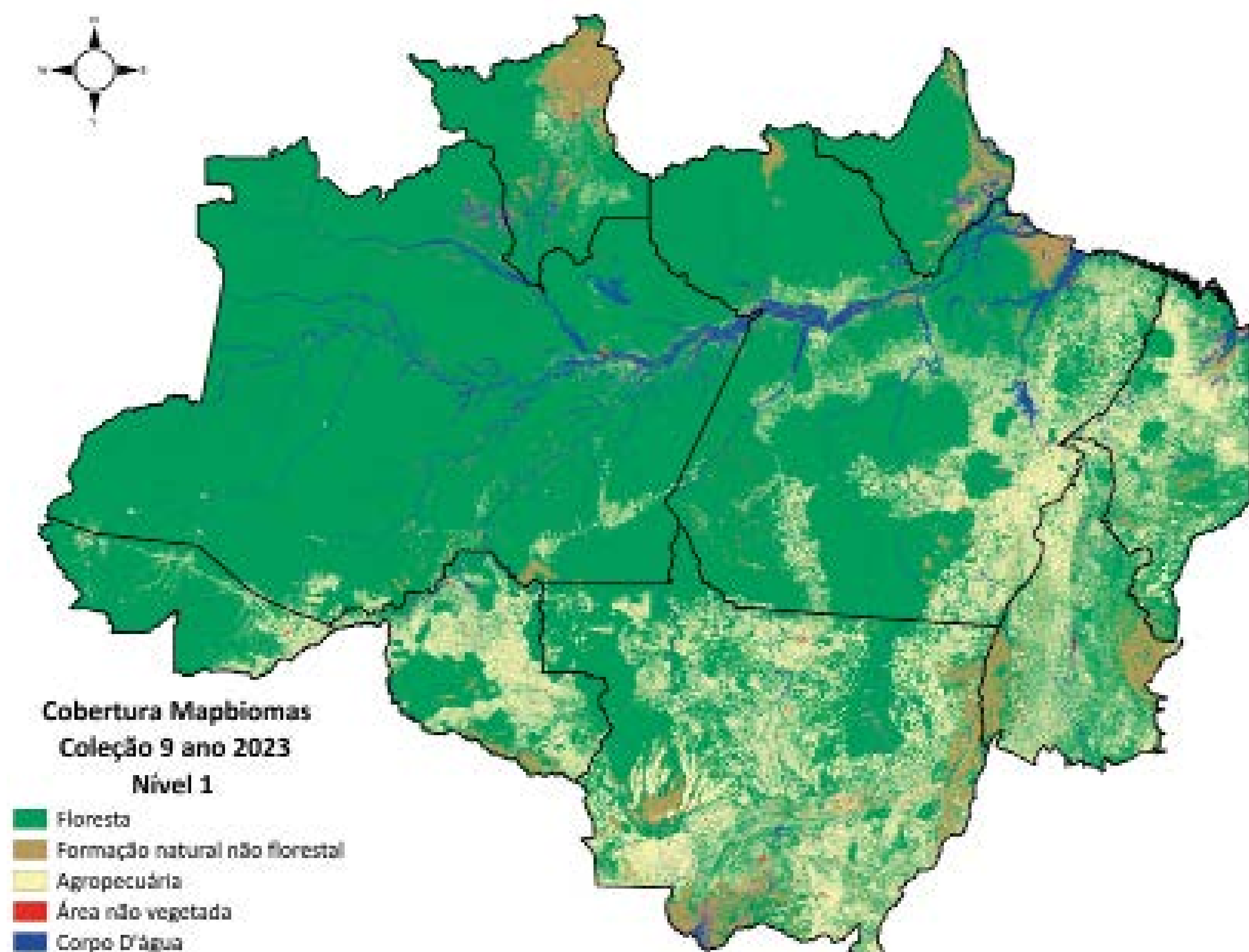
 Concentração de áreas de exploração madeireira Simex período 2022-2023. Fonte: Inpe apud SANTOS et al., 2025, p. 31.

● **Emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE):** As emissões de GEE na Amazônia Legal são substanciais, correspondendo a **48% das emissões brasileiras**. O setor de mudança no uso da terra é o principal responsável por essa contribuição, com **Pará, Mato Grosso e Rondônia** registrando as maiores emissões brutas (SEEG, 2024 apud SANTOS et al., 2025, p. 32).



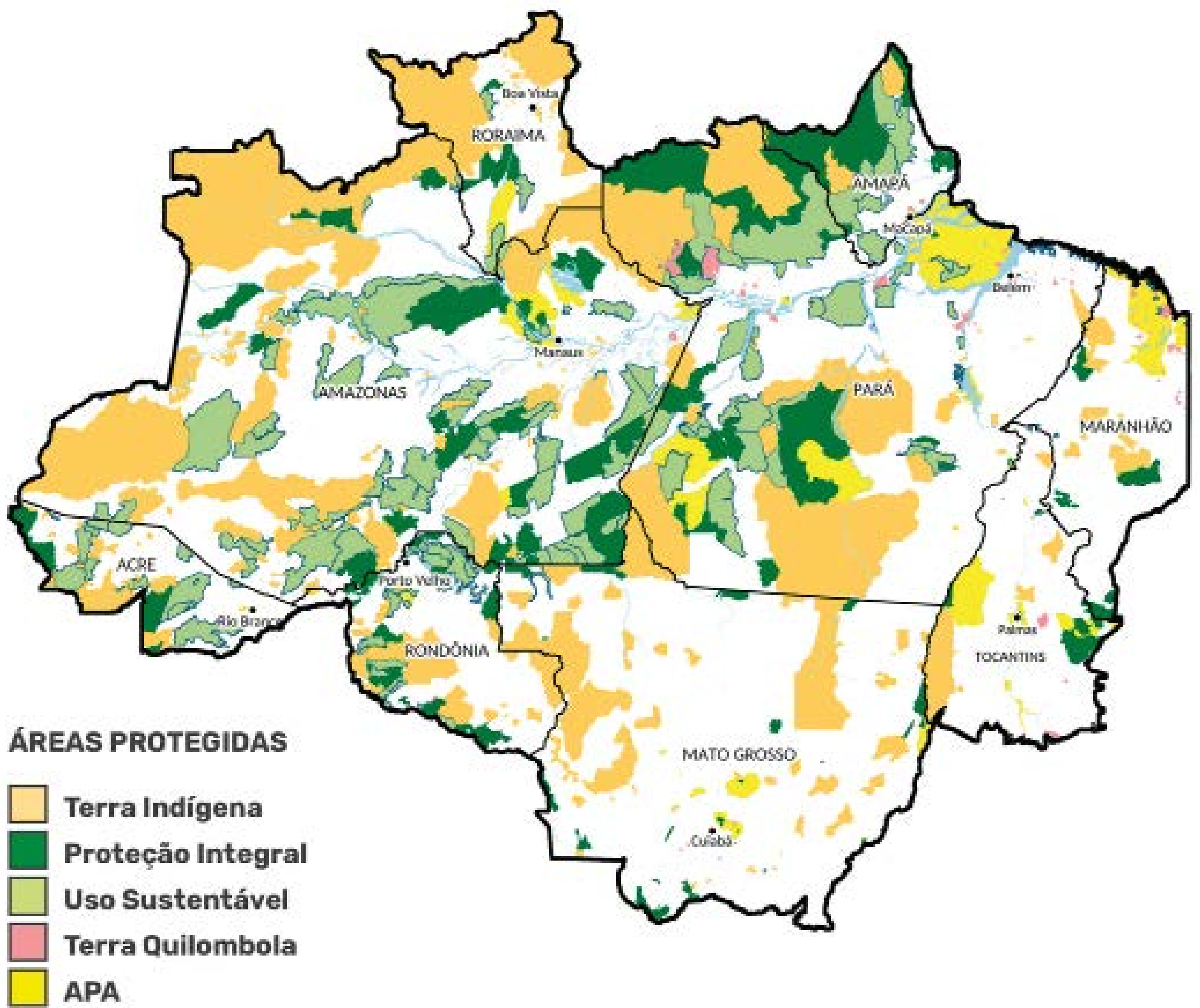
Emissões brutas de CO₂e em 2023 nos municípios da Amazônia Legal. Fonte: Inpe apud SANTOS et al., 2025, p. 34.

● **Cobertura de Solos:** Análises do MapBiomas indicam que, em **2023**, a floresta representava **73,2% da Amazônia Legal**, enquanto áreas agropecuárias somavam 19,1%. Um ponto crítico é a transição de 71,7 milhões de hectares de florestas nativas para uso agropecuário entre 1985 e 2023, evidenciando a pressão sobre os ecossistemas (Mapbiomas apud SANTOS et al., 2025, p. 37).



Cobertura e uso do solo classe nível 1 na Amazônia Legal em 2023.
Fonte: Inpe apud SANTOS et al., 2025, p. 31.

● **Áreas Protegidas (APs):** As **APs, que englobam Unidades de Conservação (UCs), Terras Indígenas (TIs) e Terras Quilombolas (TQs)**, desempenham um papel crucial na conservação, cobrindo 42% da Amazônia Legal. As TIs estão predominantemente localizadas no Amazonas e Pará, e o Amapá se destaca por ter 71% do território em áreas protegidas (ISA 2023; Raisg, 2024b apud SANTOS et al., 2025, p. 39).



Áreas Protegidas da Amazônia Legal, 2024.
Fonte: Inpe apud SANTOS et al., 2025, p. 31.

● **Recursos Hídricos:** A vasta rede hidrográfica da Amazônia é vital para o **balanço climático global**. Contudo, a superfície de água na Amazônia Legal tem demonstrado uma **tendência de diminuição desde 2010**, com **períodos de seca severa**. Essa variação está associada a regimes de chuva e fenômenos climáticos extremos como o La Niña (Mapbiomas, 2025 apud SANTOS et al., 2025, p. 61).

5.3 Principais Povos

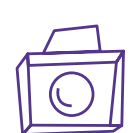
A Amazônia Legal é um mosaico de culturas e saberes. É habitada por uma rica diversidade de povos tradicionais, que desenvolveram uma relação profunda e intrínseca com a floresta. Indígenas, ribeirinhos e quilombolas são os protagonistas dessa narrativa. A existência deles está intimamente ligada ao manejo sustentável dos recursos naturais e à preservação da sociobiodiversidade.

5.3.1 Povos Indígenas

A região é o lar de inúmeras etnias indígenas, guardiãs de um conhecimento ancestral milenar, que se manifesta nas línguas, rituais, medicina tradicional e, de forma muito expressiva, no artesanato. Diversas associações e artesãos individuais destacam-se nesse cenário:

● Artesãos do Acre:

Huni Kuĩ: Reconhecidos pelo grafismo Kene Kuin, as peças feitas principalmente com sementes e algodão não são apenas adornos, mas narrativas ancestrais e símbolos de uma profunda conexão com a floresta. Artesãs como **Raimunda Huni Kuĩ**, líder da Associação das Produtoras de Artesanato das Mulheres Indígenas de Tarauacá e Jordão (Apaminktaj), exemplificam o uso do artesanato como instrumento de sobrevivência e de afirmação cultural, resistindo à desvalorização do trabalho feminino e à falta de mercado. **Batani Huni Kuĩ** e a filha, a jovem **Haweani Huni Kuĩ**, mantêm viva a cultura transmitindo saberes entre gerações, mesmo em contexto urbano, e utilizando a arte para sustento e preservação das raízes.



Raimundinha, Batani e Haweani do povo Huni Kuĩ.
Foto por Sharlene Melanie.

Puyanawa: Este povo, sob a liderança do cacique **Joel Puyanawa**, mantém uma forte ligação com suas raízes, utilizando o artesanato como meio de preservação cultural. A autenticidade e a singularidade são pilares da produção, com cada peça carregando significados próprios e representando um “chamado espiritual”.



 Joel Puyanawa, Rian Otávio e na Aldeia Puyanawa.
Foto por Sharlene Melanie.



● Artesãos do Amazonas:

Associação dos Artesãos Indígenas de São Gabriel da Cachoeira (ASSAI): Composta por 45 mulheres, representada por inúmeras etnias, dentre elas Piratapuaia e Desana, a ASSAI é um pilar importante na valorização do artesanato. **Cecília Barbosa Albuquerque** (etnia Piratapuaia), fundadora da ASSAI, e **Maria de Jesus da Silva Miranda** (etnia Desana), tesoureira, visam o bem-estar e a união das artesãs. A Associação conta com a fibra de tucum como principal matéria-prima, demonstrando um manejo tradicional dos recursos naturais e a importância da transmissão de saberes para as novas gerações. Isso é enfatizado por Cecília ao desejar que jovens façam parte da produção das peças para que a cultura não se perca.

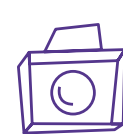


Cecília Albuquerque, Maria de Jesus e alguns artesanatos da ASSAI.
Foto por Sharlene Melanie.



Loja Uirapuru e Gilda da Silva Barreto (etnia Baré):

Em São Gabriel da Cachoeira, Gilda da Silva Barreto é artesã, empreendedora e liderança indígena. Ela é um exemplo de como é possível a inovação e a capacidade de gerar renda a partir das ideias e da cultura, **contando com o apoio de instituições como o SEBRAE e a colaboração do designer Sérgio Matos**. Sua loja Uirapuru comercializa peças feitas de fibra de tucum e buriti, com tingimento natural, mostrando como a cultura pode evoluir e ser fonte sustentável de renda.



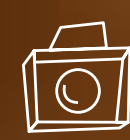
Gilda Silva produz e vende as peças na loja Uirapuru.
Foto por Sharlene Melanie.

Duda Gonçalves Saldanha (etnia Kubeo): Ainda em São Gabriel da Cachoeira, encontramos Duda, um **jovem artesão** e empreendedor, que se destaca na criação de peças de decoração e acessórios como brincos feitos de arumã e cobre. A trajetória dele mostra a capacidade de encontrar sustento e satisfação no artesanato a partir de peças e práticas autorais.



Duda Saldanha transformando a natureza em arte.
Foto por Sharlene Melanie.

Núcleo de Arte e Cultura Indígena de Barcelos (NACIB): Em Barcelos, o NACIB, com aproximadamente 60 artesãos (incluindo 15 jovens), é liderado por **Dinalva Campos** (etnia Tariana) e a mãe Maria Aparecida Duque Dias (etnia Tukano). O Núcleo promove a produção artesanal com piaçava, arumã e outros, fortalecendo a identidade cultural, lutando contra o preconceito e a desvalorização, além de incentivar a transmissão da língua e dos saberes tradicionais às novas gerações. O NACIB demonstra um significativo impacto social e econômico ao dar autonomia aos artesãos para definirem o valor das criações.



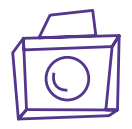
Dinalva Campos e os
artesanatos da NACIB.
Foto por Felipe Abreu.



Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN): Sediada em Manaus, a AMARN é uma das **primeiras associações de mulheres indígenas do Alto Rio Negro**, fundada em 1987. Sob a liderança de **Clarice Arbella** (etnia Tukano) e Joana Galvão, a Associação representa a resistência das mulheres que migraram para Manaus e enfrentaram exploração. Para as associadas, o artesanato é visto como sagrado, uma “luta de vida”, símbolo de resistência, sobrevivência e do “Bem Viver”. A AMARN reúne 71 mulheres de diversas etnias (Arapaso, Baré, Desana, Tukano, entre outras), que trabalham principalmente com a “linha da lealdade” – a fibra de tucum – buscando reintroduzir e valorizar objetos tradicionais e promover um novo modelo econômico que valorize a partilha e a igualdade.



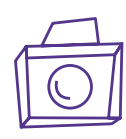
Associação dos Artesãos de Novo Airão (AANA): Em Novo Airão, a AANA, com a representatividade da artesã Baré **Dona Alberta**, exemplifica a luta instrumental ao organizar e potencializar a comercialização do artesanato local. No campo identitário, preserva e promove as técnicas tradicionais de trançados em fibra de arumã. Eticamente, a Associação se concentra na adoção de práticas sustentáveis de manejo dos recursos naturais como o arumã, conciliando a produção com a conservação ambiental.



Dona Alberta da AANA.
Foto por Sérgio Matos.



Casa Wariró: Localizada em São Gabriel da Cachoeira, a Casa Wariró atende mais de 300 artesãos de 13 etnias do Rio Negro como os Arapaso, Baniwa, Baré, Desano e Tukano. Contando com a **relevante contribuição da ex-gerente Rosângela Fidelis Martiniano**, que hoje se dedica aos estudos fora de São Gabriel, a Casa Wariró foca na logística e no controle de qualidade, consolidando-se como um importante canal de comercialização de artesanato indígena. A estrutura e a dedicação em superar desafios logísticos, e de visibilidade, a tornam um exemplo de boa prática, com potencial de replicação em outras regiões da Amazônia Legal, especialmente para artesãos que carecem de recursos para investir em escoamento e divulgação.



Rosângela Fidelis na Casa Wariró e os artesanatos da loja.
Foto por Sharlene Melanie.



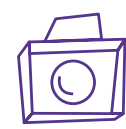
Comunidade Areal (Baniwa e Koripaco): Em São Gabriel da Cachoeira, a Comunidade Areal, com 26 famílias das etnias Baniwa e Koripaco, é um polo de produção de artesanato em arumã. Artesãos como **Alírio Souza dos Santos**, que produz luminárias, **Juciane Garcia Vitorino**, uma jovem artesã que aprendeu a atividade com a avó, e o Tuxaua **Hermes Ernesto Vitório** (Baniwa), trabalham para revitalizar a cultura e a arte do arumã, combatendo a perda de saberes e a destruição da floresta. Eles enfrentam desafios como o alto custo do frete e a necessidade de mercado para a venda das peças.



Alírio Souza, Hermes Ernesto, Juciane Garcia na Comunidade Areal.
Foto por Sharlene Melanie.



Janete Mara (etnia Tariano): Ainda em São Gabriel da Cachoeira, encontramos **Janete Mara**. Uma artesã que associa arte à moda e à conscientização ambiental. Em parceria com o **designer Sioduhi**, ela cocriou peças como o **“top pulmão”**, que remete a temas como a crise climática. Paixão e dedicação são evidentes em cada criação, que ela descreve como um trabalho feito “com amor”, independentemente do valor comercial.



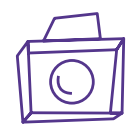
Janete Mara e os detalhes do seu artesanato
Foto por Sharlene Melanie.

Kambeba (Comunidade Três Unidos): No baixo Rio Negro, o povo Omágua/Kambeba utiliza o artesanato para a subsistência e afirmação da identidade. Lideranças como o vice-tuxaua **Raimundo Kambeba** e a jovem **Pully Kambeba** (Vagalume) trabalham para revitalizar a língua e as tradições, integrando o turismo de base comunitária com a produção artesanal.



Vice-Tuxaua Raimundo Kambeba mostrando a culinária típica da cultura Kambeba e Pully Kambeba cantando músicas de sua cultura na Comunidade Três Unidos
Foto por Viver Amazônia e Bruna Martins

Cestaria Baniwa (Rio Preto da Eva): Em Rio Preto da Eva, o grupo Cestaria Baniwa, liderado por **Marlene dos Santos da Silva**, representa a adaptação urbana de uma das mais antigas tradições artesanais da Amazônia. Com 25 artesãos, sendo a maior parte Baniwa, Kubeo e Tukano, o grupo produz cestos, luminárias e outros artefatos de arumã, preservando e transmitindo saberes milenares.



Centro de mesa da Cestaria Baniwa.
Foto por Sérgio Matos



5.3.2 Povos Ribeirinhos

Espalhados ao longo dos rios, os ribeirinhos possuem uma vida fortemente adaptada ao ambiente fluvial e florestal. As práticas de subsistência, incluindo a pesca e a agricultura, são complementadas pelo artesanato, que muitas vezes utiliza materiais da floresta e reflete o cotidiano e a identidade dessas comunidades. Grupos como o Teçume da Floresta, em Careiro Castanho, e as associações em Iranduba e Novo Airão, são exemplos de como o artesanato é um motor de empoderamento e renda para essas populações.

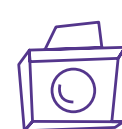


Artesã da Teçume da Floresta para o catálogo "Artesanato Amazonense" criado pela Focus-DM.
Foto por Sérgio Matos.



5.3.3 Povos Quilombolas

Guardiões de tradições afro-brasileiras, os quilombolas da Amazônia, como os do rio Andirá, mantêm uma profunda interação com o ambiente, baseando a subsistência em sistemas agroflorestais e no artesanato. O artesanato quilombola, feito com materiais como cipó titica, cipó ambé, arumã e barro, não é apenas uma atividade econômica, mas um meio de preservar a história, a identidade e a relação equilibrada com a natureza, transmitindo saberes de geração em geração.



Com o cipó, Dona Perpétua mantém a cultura do quilombo. Foto por Laura Landau.



6. Artesanato da Amazônia Legal

O artesanato na Amazônia Legal é um espelho multifacetado da biodiversidade cultural e da profunda interconexão entre os povos e o ambiente natural. Longe de ser apenas uma prática manual, se manifesta como uma linguagem expressiva que engloba as dimensões Instrumental, Identitária e Ética.



O artesanato emerge como uma ferramenta vital para a subsistência econômica. Em regiões frequentemente marcadas por isolamento geográfico e oportunidades limitadas, a produção artesanal gera renda, dignidade e autonomia para as famílias. É a habilidade de transformar recursos locais, como sementes, fibras e látex, em produtos comercializáveis que permite a comunidades, como as do Atelier Florescer (Acre), a Da Tribu (Pará), e a ASSAI (Amazonas), assegurar o sustento e planejar um futuro com dignidade.



Cada peça artesanal é um elo com o passado, um veículo para a preservação e afirmação das tradições, saberes ancestrais e cosmovisões dos povos da floresta. Os grafismos, os materiais e as técnicas utilizados carregam a história e a alma de uma cultura, como o Kene Kuin dos Huni Kuĩ, que representa a linguagem visual e espiritual daquele povo. A cerâmica de Icoaraci (Pará), produzidas por mestres como Doca Leite e Guilherme Santana, integra tradições Marajoara e Tapajônica com inovações que refletem a identidade amazônica contemporânea. A arte em miriti, de Abaetetuba (Pará), demonstra como o artesanato se tornou a narrativa viva da resiliência e da sabedoria ancestral.



Esta dimensão reflete um compromisso profundo com a justiça social e ambiental. O artesanato amazônico promove o uso consciente e sustentável dos recursos naturais, respeitando os ciclos da natureza e o empoderamento das comunidades.

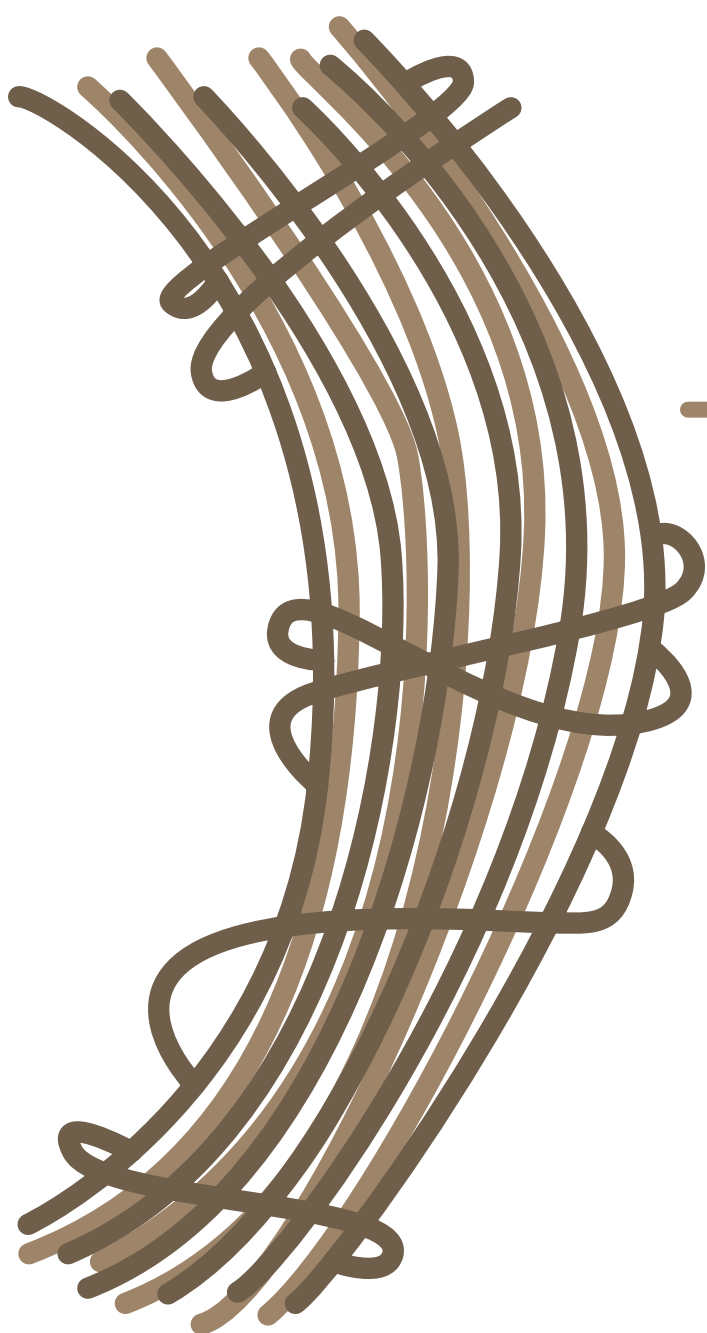


A valorização do manejo sustentável do **látex** pela **Da Tribu** é um exemplo de como a ética permeia o fazer artesanal, contribuindo para um desenvolvimento comunitário responsável e a manutenção da “floresta em pé”.

Em **Abaetetuba (PA)**, o **manejo sustentável do miriti** é um pilar da luta ética do território. **Augusto Costa (Gugu)** é um dos artesãos que se destaca por preservar as palmeiras através da poda controlada e do respeito aos conhecimentos ancestrais, como a colheita alinhada aos ciclos lunares, garantindo a perenidade da matéria-prima. Da mesma forma, **Joel Cordeiro da Silva** manifesta a luta ética incentivando o plantio e o cuidado com os miritizais, além da escolha por comprar o miriti de **32 ilhas localizadas em Abaetetuba**.



Ana Cláudia e Maria da Glória, artesãs de Cruzeiro do Sul (AC), demonstram na prática o compromisso com o uso sustentável dos materiais da floresta como o **cipó titica** e o **buriti**, evidenciando uma responsabilidade ambiental intrínseca. Adicionalmente, a “Filosofia Zero Descarte” da **Madame Floresta**, no Pará, também se alinha a essa dimensão ética.





No Amazonas, a **Associação dos Artesãos Indígenas de São Gabriel da Cachoeira (ASSAI)**, que tem a **fibra de tucum** como principal matéria-prima, exemplifica a luta ética por meio da valorização de saberes tradicionais e do uso consciente dos recursos naturais. A transmissão desses conhecimentos às novas gerações, como enfatiza Maria de Jesus da Silva Miranda, assegura que a cultura e as práticas de manejo, incluindo as do **tucum**, sejam preservadas e continuem a contribuir para a vitalidade da floresta e da comunidade.



No Acre, o **Atelier Florescer**, liderado por **Iranilce Lanes**, é um pilar fundamental da luta ética, manifestando um compromisso indissociável com a justiça social e a conservação ambiental, em total alinhamento com o legado de Chico Mendes. A escolha de materiais nativos, como **cipó** e **sementes**, não é acidental. Reflete um profundo conhecimento do manejo sustentável e do uso consciente dos recursos naturais. O Atelier pratica uma extração seletiva e responsável, garantindo que a coleta da matéria-prima não comprometa a regeneração da floresta ou a biodiversidade local, provando que o sustento das famílias pode ser obtido sem abate das árvores.

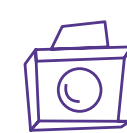


7. Bioeconomia

Nos últimos dez anos, o jeito de pensar a Bioeconomia ganhou força no mundo inteiro. Surge como uma grande esperança para resolver desafios sérios do nosso tempo **como as mudanças no clima, a garantia de comida para todos e a perda da nossa rica diversidade de vida (plantas, animais etc.)**.

Mas a Bioeconomia não é só isso. Esse sistema também mostra um caminho importante para os povos e comunidades tradicionais crescerem de forma duradoura, **unindo a produção de objetos úteis com a proteção da natureza**. É uma forma nova de pensar a economia e o nosso jeito de produzir.

No Brasil, e principalmente na Amazônia, a Bioeconomia é vista como chave para um desenvolvimento que realmente respeita o meio ambiente. Por um lado, serve para negócios que usam **tecnologia avançada**, como a criação de remédios, cosméticos e produtos químicos “verdes” (que não prejudicam a natureza). Por outro lado, também serve para atividades mais tradicionais como a coleta de óleos, frutas, sementes e resinas da floresta, que são os chamados **“produtos florestais não-madeireiros”**.



Artesã Alcimara Pereira com cestos Baniwa que são vendidos na Casa Wariró em São Gabriel da Cachoeira - AM.
Foto por Sharlene Melanie



Assim, a Bioeconomia abre muitas portas para que os produtos da biodiversidade amazônica, **feitos pelos agricultores familiares e pelos povos e comunidades tradicionais** – ganhem mais valor e ajudem a sustentar as famílias.

Essa ideia também aponta para uma grande mudança: sair de uma economia que usa muito petróleo e outros combustíveis antigos (fósseis) para uma **economia mais “verde”**, que usa a natureza como base. Isso significa usar de forma inteligente e criativa plantas e outros materiais vivos (biomassa) para fazer produtos, adubos, combustíveis e energia que se renovam.



Artesãs e a empresária Kátia Fagundes mostrando o látex, fonte de bioeconomia e que trás retorno para as comunidades na Ilha de Cotijuba - PA.
Foto por Sharlene Melanie





7.1 Visões de Bioeconomia

Existem três diferentes visões da Bioeconomia, a Biotecnológica, a Biorrecursos e a Bioecológica (BUGGE et al., 2016 apud LOPES, 2021).

7.1.1 Visão Biotecnológica

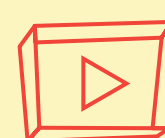
Essa perspectiva enfatiza a **biotecnologia e a aplicação comercial**, colocando o crescimento econômico como prioridade. Parte-se da ideia de que a biotecnologia traz benefícios ambientais. O foco está na **pesquisa e desenvolvimento (P&D) para fomentar inovações tecnológicas**. Essa abordagem pode ser associada a indústrias como a de **fármacos, cosméticos e química verde**, que utilizam insumos biológicos para desenvolver produtos de alta tecnologia.

7.1.2 Visão Biorrecursos

A bioeconomia baseada em biorrecursos tem se aproximado do conhecimento local, especialmente na Amazônia, onde a **ciência busca sistematizar saberes dos povos da floresta para desenvolver novas cadeias de valor**. Nessa visão, o foco recai no desenvolvimento de cadeias produtivas para **substituir matérias-primas fósseis** por biomassa renovável. A **sustentabilidade ganha maior destaque do que na abordagem biotecnológica**, mas as discussões sobre impactos ambientais, como o uso da terra, são tímidas. Há também esforços para aumentar a produtividade em áreas degradadas, introduzindo-as no cultivo de biomassa, como em biocombustíveis. Essa abordagem está relacionada às atividades extrativistas ligadas a **produtos florestais não madeireiros** como a coleta de **óleos, frutos, sementes e resinas**.

7.1.3 Visão Bioecológica

A terceira abordagem **prioriza a sustentabilidade**, com foco nos **processos ecológicos** que otimizam o uso de **energia e recursos naturais**. Essa visão busca promover a **conservação da biodiversidade e práticas que evitem monoculturas e degradação do solo**. O crescimento econômico assume um papel secundário, com maior valorização de sistemas circulares e autossustentáveis.



Assista ao documentário **“A força feminina da Pimenta Baniwa”** produzido pelo Instituto Socioambiental e conheça mais sobre o processo, os costumes e os saberes do cultivo da pimenta Baniwa



Indígena da Comunidade Yamado produzindo a pimenta Baniwa e detalhes da pimenta jiquitaia em pó, um mix de vários tipos de pimentas.
Fotos por Sharlene Melanie



7.2 Reflexões sobre a Amazônia e a Bioeconomia

A Amazônia, enquanto região estratégica para a bioeconomia, enfrenta oportunidades e riscos significativos. Por um lado, a região tem potencial para liderar a transição para uma economia verde, graças à biodiversidade que possui. Por outro, alterações no uso da terra, como o desmatamento para a produção de biomassa, podem ameaçar severamente os ecossistemas locais.

A bioeconomia precisa se adaptar às diversas realidades da Amazônia, que incluem territórios preservados, áreas degradadas, zonas urbanas e regiões sob intensa pressão de desmatamento. Dessa forma, os marcos regulatórios e a governança precisam ser desenhados para proteger a floresta e, ao mesmo tempo, fomentar práticas sustentáveis que gerem empregos e renda para as populações locais.

Em suma, a bioeconomia, nas suas diversas vertentes, aborda a dinâmica das relações econômicas e sociais com **organismos vivos, o uso e gestão de recursos naturais, tecnologias e conhecimentos para o desenvolvimento sustentável** (LOPES, 2021).

Formalmente, a bioeconomia é definida como a “produção, utilização e conservação de recursos biológicos, incluindo conhecimentos relacionados, ciência, tecnologia e inovação, para fornecer informações, produtos, processos e serviços em todos os setores econômicos visando a uma economia sustentável” (GLOBAL BIOECONOMY SUMMIT, 2015).

Nos últimos anos, a bioeconomia amazônica vem sendo discutida como uma maneira de combinar diferentes aspectos econômicos, sociais e ambientais. Essa abordagem busca aproveitar a rica diversidade biológica, cultural e social da Amazônia para criar modelos de negócios inovadores. Esses novos arranjos devem integrar a **conservação ambiental, os conhecimentos locais e tradicionais, a identidade cultural e o desenvolvimento científico e tecnológico** (Lopes & Chiavari, 2022).



Imagem aérea da orla de São Gabriel da Cachoeira.
Foto por Ribamar Xavier.

Embora alguns estudiosos defendam a ideia de usar recursos biológicos para promover o desenvolvimento e sustentar a economia não seja novidade na região (VIVIEN et al., 2019), a bioeconomia amazônica se destaca pelo potencial de **reduzir a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável**, especialmente por meio das vertentes **bioecológica** e de **biorrecursos**.

Na Amazônia Legal, o **combate à pobreza** é também uma frente estratégica para frear o desmatamento. Estimativas indicam que a redução de 1% da população em extrema pobreza (aproximadamente 35 mil pessoas) pode diminuir o desmatamento em 3,3%, o equivalente a cerca de 27 mil hectares; De forma complementar, um aumento de 1% no emprego formal (cerca de 42 mil postos) tende a reduzir a derrubada da floresta em 8,4%, algo em torno de 67,2 mil hectares. Esses resultados reforçam a necessidade de integrar políticas ambientais e sociais: além de ampliar e distribuir renda, é fundamental criar trabalho desvinculado de cadeias produtivas que degradam o território (INSTITUTO ESCOLHAS, 2023).

No entanto, devido à grande **diversidade interna da Amazônia** — em termos de cultura, identidade e infraestrutura —, não é adequado pensar em uma única solução de bioeconomia que atenda toda a região. É preciso adaptar e aplicar diferentes visões da bioeconomia, de acordo com cada contexto local (LOPES, 2021).



7.3 Bioeconomia e Mudanças Climáticas

A bioeconomia, com as vertentes bioecológica, biotecnológica e de biorrecursos, apresenta-se como um modelo promissor para a mitigação desses impactos, adaptando-se às especificidades de tempo social e território.

A conservação e recuperação da Amazônia são fundamentais para combater as mudanças climáticas, preservar a rica biodiversidade da região e assegurar a sustentabilidade das próximas gerações. (NOBRE et al., 2022)



7.4 Pontos-chave

1. As diferentes regiões da Amazônia exigem abordagens específicas para a bioeconomia, reforçando soluções adequadas às condições locais.
2. O Brasil já possui marcos legais importantes, mas é necessário aprimorá-los para estruturar melhor as três visões de bioeconomia.
3. Governança descentralizada é um desafio, precisando de maior articulação para promover sustentabilidade e atender as necessidades.



Pescador levando mercadoria para o Mercado Público em Abaetetuba - PA.
Foto por Sharlene Melanie





8. Bioeconomia no Contexto do Artesanato Amazônico

8.1 Inovação Tecnológica: A Vanguarda no Fazer Artesanal Amazônico

Visão Biotecnológica

Esta vertente da bioeconomia concentra-se na aplicação de avanços científicos e tecnológicos para desenvolver novos produtos e processos a partir de recursos biológicos.

No contexto do artesanato amazônico, a **inovação tecnológica** representa um caminho para aprimorar, diversificar e escalar a produção, ao mesmo tempo em que se busca a sustentabilidade.



Joel Cordeiro com o óculos virtual de miriti em Abaetetuba - PA.
Foto por Sharlene Melanie

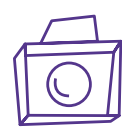


● **O Fazer Artesanal:** Aqui, o processo de criação transcende as técnicas puramente manuais, incorporando ferramentas e métodos de ponta. A biotecnologia pode oferecer novas formas de cultivo, manejo e beneficiamento de matérias-primas, otimização de processos de tingimento (garantindo cores mais vibrantes e duradouras com pigmentos naturais) e o desenvolvimento de biomateriais com propriedades aprimoradas.

O exemplo mais notável que emerge do Mapeamento é o de **Joel Cordeiro da Silva**, em Abaetetuba (PA), que inovou ao criar o **biocompensado**. Com o corte a laser, ele otimizou a produção de peças e embalagens, revolucionando a forma de trabalhar com um material tradicional. Isso demonstra como a **fusão do saber ancestral com a tecnologia de ponta dá certo**. O trabalho de **Walter Júnior** em parceria com Joel, ao desenvolver o **Miriti VR**, óculos de realidade virtual, é outro indicativo de **como o fazer artesanal pode se conectar diretamente com a tecnologia de ponta**.



Veja como funciona
o Miriti VR.



Walter Júnior com o
óculos virtual de miriti
em Abaetetuba - PA.
Foto por Sharlene Melanie



● **O Patrimônio / Artesanato:** O produto, sob a ótica da inovação tecnológica, mantém a conexão cultural e ganha novas características e funcionalidades. O **Miriti VR** é um excelente exemplo de como o artesanato pode **conectar tecnologia de ponta à rica cultura local, ao utilizar uma fibra natural e inserir grafismos indígenas/desenhos amazônicos**. Essa é uma forma do patrimônio ser preservado, valorizado e, ao mesmo tempo, projetado para um futuro inovador.



8.2 A Força dos Biorrecursos: A Essência da Floresta na Criação Artesanal

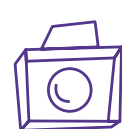
Visão Biorrecursos

Esta vertente da bioeconomia enfatiza a utilização inteligente e a valorização da biomassa – os produtos e subprodutos biológicos – como base para o desenvolvimento econômico. Para o artesanato amazônico, isso se traduz na **riqueza das matérias-primas diretamente extraídas da floresta e dos rios**.

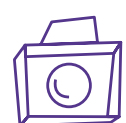
● **O Fazer Artesanal:** O processo de criação, nesse caso, está intrinsecamente ligado ao cultivo, à coleta e ao manejo sustentável de recursos naturais. Envolve um profundo conhecimento para **respeitar essas etapas das matérias-primas de forma a não esgotar o ecossistema**.



Artesãos e comunidades tradicionais são mestres nesse “fazer”, dominando as técnicas de extração, secagem, limpeza e preparação. A **ASSAI**, por exemplo, utiliza a fibra de tucum como principal matéria-prima, demonstrando um manejo tradicional dos recursos naturais.



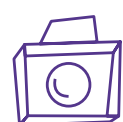
Maria José com a coleta de tucum em São Gabriel da Cachoeira - AM
Foto por Sharlene Melanie



Sementes e cascas do Atelier Florescer,
Reserva Chico Mendes - AC
Foto por Sharlene Melanie

Similarmente, o **Atelier Florescer, no Seringal Guanabara, no Acre, dedica-se à coleta e beneficiamento de sementes e cascas**, um processo que envolve um conhecimento profundo do ambiente e práticas sustentáveis. **Socorro Souza**, de Porto Acre, é uma pioneira no **beneficiamento de sementes**, desenvolvendo técnicas próprias para preparar materiais como jarina, açaí, puxuri e pupunha, que são essenciais para biojoias e outras peças

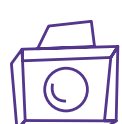
● **O Patrimônio / Artesanato:** O artesanato que emerge desta vertente é um reflexo direto da biodiversidade amazônica. Beleza e valor residem na autenticidade e na origem natural dos componentes. As peças são feitas de sementes, fibras, madeiras, barros e outros elementos, carregando consigo a essência da floresta e a história de como foram extraídas.



Artesanato do povo Huni Kuĩ,
Rio Branco - AC
Foto por Sharlene Melanie

O artesanato do **povo Huni Kuĩ**, que utiliza **algodão** com o grafismo Kene Kuin, é um exemplo vibrante. Cada peça não é apenas um adorno, mas uma “joia única repleta de significado ancestral”, conectando quem a adquire à visão de mundo e à harmonia do povo com a natureza.

As peças em arumã da **Cestaria Baniwa, na Comunidade do Yamado**, em São Gabriel da Cachoeira (AM) ou Rio Preto da Eva (AM), assim como as peças em **cipó titica e cipó ambé** dos **quilombolas do rio Andirá** com são outras expressões de como o patrimônio cultural se manifesta através dos biorrecursos.

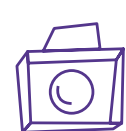


Cestaria Baniwa, São
Gabriel da Cachoeira - AM
Foto por Sharlene Melanie



Costurando o capim dourado, Quilombo Mumbuca, Jalapão - TO.
Foto por Sharlene Melanie

Artesanato com Capim Dourado (Jalapão - TO): O capim dourado é o biorrecurso central da economia artesanal do Jalapão. É colhido de forma específica e transformado em acessórios e objetos decorativos, demonstrando a utilização sustentável desse recurso natural. O buriti também é integralmente aproveitado, com a fruta para alimentação e o talo para instrumento musical.



Construindo a viola de buriti, Quilombo Mumbuca, Jalapão - TO.
Foto por Sharlene Melanie

Viola de Buriti (Jalapão - TO): A viola de buriti, confeccionada por mestres como Horlei Tavares da Silva e Arnon Ribeiro Tavares da Comunidade Mumbuca, é um exemplo de como o buriti é utilizado como biorrecurso para a criação de instrumentos musicais. A palha é colhida apenas quando seca, evidenciando o respeito pelo ciclo de vida da planta. A seda do buriti, inclusive, é usada para costurar o capim dourado, evidenciando o aproveitamento integral dos recursos naturais.



Tecendo a fibra de buriti, Santa Maria, Alcântara - MA
Foto por Sharlene Melanie

Manejo do Buriti/Miriti (MA): No Maranhão, a palmeira de Miriti simboliza a profunda conexão entre o artesanato e os recursos naturais. Artesãos utilizam as fibras para criar peças como o “cofo”, um cesto tradicional. A Associação dos Artesãos de Santa Maria tece uma herança cultural com a fibra do buriti, demonstrando como souberam e ainda sabem dialogar com a natureza.

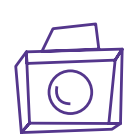


8.3 A Visão Bioecológica: O Artesanato como Guardiã da Sustentabilidade

Visão Bioecológica

Essa vertente da bioeconomia tem a conservação e a **regeneração ambiental** como prioridade, buscando harmonizar a produção econômica com os ciclos ecológicos e a preservação dos ecossistemas.

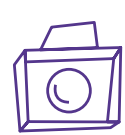
Para o artesanato amazônico, isso significa que cada etapa do processo e cada produto contribui para a **“floresta em pé” e para o bem-estar social.**



Artesão Gugu fazendo a coleta consciente de miriti em Abaetetuba - PA.
Foto por Sharlene Melanie.



● **O Fazer Artesanal:** O processo de criação, sob essa ótica, é pautado por práticas regenerativas, minimização de impacto e um profundo respeito pelo tempo da natureza. Envolve técnicas que garantem a sustentabilidade dos recursos a longo prazo como o manejo controlado, a não exaustão do material e o reuso de subprodutos. Enilda Vasconcelos, no Sítio Vida Nova em **Abaetetuba** (PA), exemplifica essa visão ao focar no **aproveitamento integral de frutas nativas, transformando cascas em embalagens artesanais** e minimizando o desperdício. As **artesãs de Cruzeiro do Sul (AC)**, como Ana Cláudia e Maria da Glória, que trabalham com cipó titica e buriti, demonstram um compromisso com o uso sustentável, **deixando parte do cipó para que se renove e manuseando o buriti sem devastar a floresta.** Um fazer artesanal intrinsecamente ético e ecológico.



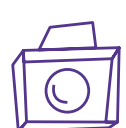
Enilda Vasconcelos, no Sítio Vida Nova em Abaetetuba - PA.
Foto por Sharlene Melanie.

Ceramistas de Itamatatiua (MA): Na comunidade quilombola de Itamatatiua, a produção de cerâmica é um exemplo vívido da **visão bioecológica**. A **extração de barro** é feita de forma cuidadosa, com a comunidade preenchendo os buracos após a retirada do material, permitindo que a **vegetação se regenere** e o solo se renove para o ano seguinte. **Essa prática ancestral respeita os ciclos naturais e minimiza o impacto ambiental.**



Retiragem do barro no quilombo Itamatatiua - MA.
Foto por Sharlene Melanie

Comunidade Quilombola Mumbuca (Jalapão - TO): No Jalapão, a Comunidade Quilombola Mumbuca é um exemplo emblemático da bioecologia no artesanato. A colheita do capim dourado ocorre uma única vez por ano, após 20 de setembro, quando a planta já liberou as sementes. **O manejo é feito com extremo cuidado, garantindo que as sementes permaneçam no local** para assegurar futuras colheitas abundantes.



Capim dourado, Quilombo Mumbuca, Jalapão - TO.
Foto por Sharlene Melanie



Coleta de Miriti

Por Gugu (Augusto Costa)
Comunidade Taquerá de Beja
Abaetetuba - PA



1

O miriti é encontrado em áreas alagadas e, normalmente, para acessá-lo é preciso adentrar a floresta por meio de trilhas.

2

Primeiro é necessário subir no pé com cuidado e técnica, pois a palmeira de miriti pode crescer bem alta.



3

A coleta é feita na lua nova, que é escura, pois interfere na coloração da matéria-prima.

4

O processo de retirada é por poda, não danificando o miritizal.



5

Retira-se apenas as braças maduras, deixando 4 braças e o grelo, assim aumenta a durabilidade da planta. Para que o miriti não morra. A coleta só pode ser feita de 4 em 4 meses.



6

Deixa-se no mato as braças por 4 dias para secar, pois solta um líquido que ao penetrar na pele provoca coceira.



7

Com o auxílio de um facão, retira-se a tala com muito cuidado.



8

O miriti é carregado até a casa do artesão e colocado no telhado para mais secagem. Esse processo de secagem demora 20 dias no verão e 30 dias no inverno.



9

Para a confecção dos artesanatos, o miriti é cortado, talhado, selado, lixado e recebe um formato de acordo com cada criação.



10

Por fim, os artesanatos de miriti são pintados e secados, resultando em obras ricas em detalhes.



Acesse ao episódio 2 do nosso documentário Mosaico Pará e assista sobre a coleta do miriti.



● **O Patrimônio / Artesanato:** O artesanato resultante da visão bioecológica é um símbolo de uma **relação harmoniosa entre o ser humano e a natureza**. Cada peça incorpora a narrativa da conservação, do manejo responsável e da valorização da biodiversidade. Mais que objeto é uma declaração de princípios que promovem a consciência ambiental e a justiça social.

A estrutura em torno das três dimensões de Lutas – Luta Instrumental, Luta Identitária e Luta Ética – é um conceito que permite a análise aprofundada das dinâmicas do artesanato na Amazônia Legal.



Refere-se ao uso do artesanato como uma ferramenta vital para a sobrevivência econômica e geração de renda. Ele se manifesta como um motor de empoderamento e dignidade, especialmente em regiões com oportunidades limitadas.



Aborda a afirmação e preservação das tradições culturais por meio do artesanato como forma de resistência e expressão. Cada peça carrega a história, os saberes ancestrais e a cosmovisão dos povos da floresta.



Demonstra o compromisso com a justiça social e ambiental, equilibrando a produção com práticas sustentáveis e responsáveis, valorizando o uso consciente dos recursos naturais e a floresta em pé.

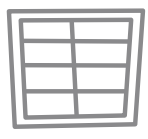


















Tabela: Dimensões de Luta no contexto dos artesãos da Amazônia Legal.





Regiões Povos	 Luta instrumental	 Luta identitária	 Luta ética
 Amazônia Legal (Conceito Geral)	Geração de renda, autonomia econômica, subsistência das famílias.	Preservação e afirmação de tradições, saberes ancestrais e cosmovisões.	Compromisso com justiça social e ambiental, uso sustentável dos recursos, manutenção da floresta em pé.
 Amazonas	Utilização da fibra de tucum como principal matéria-prima para gerar renda e sustento familiar.	Valorização de saberes tradicionais e transmissão às novas gerações para que a cultura não se perca.	Uso consciente dos recursos naturais e manejo tradicional (fibra de tucum), enfatizando a preservação da floresta e da comunidade.
ASSAI São Gabriel da Cachoeira			
NACIB Barcelos	Geração de renda e autonomia para os artesãos definirem o valor de suas criações; ocupação produtiva para jovens.	Fortalecimento da identidade cultural, luta contra preconceito e desvalorização; incentivo à transmissão da língua e saberes tradicionais.	Uso consciente dos recursos naturais como a piaçaba e o cipó.
AMIT Benjamin Constant	Produção de artesanato como ferramenta vital para a subsistência; capacitação e geração de renda para mulheres.	Defesa da identidade cultural Ticuna, promoção da língua materna e busca por reconhecimento e direitos de cidadania.	Compromisso com uso sustentável dos recursos naturais e preservação da medicina tradicional.
Teçume da Floresta Careiro Castanho	Produção de peças com fibras vegetais como fonte de renda e empoderamento feminino.	Preservação das tradições culturais e ancestrais através do artesanato; aulas informais para jovens.	Preocupação com desmatamento e degradação do cipó ambé, busca por práticas sustentáveis.




Regiões Povos	 Luta instrumental	 Luta identitária	 Luta ética
Povo Omágua/ Kambeba Comunidade Três Unidos	Artesanato como ferramenta de subsistência e geração de renda, integrado ao turismo de base comunitária.	Preservação de grafismos e técnicas ancestrais; revitalização da língua Kambeba e integração da cultura no currículo escolar.	Compromisso com práticas sustentáveis e justas, manejo de recursos naturais e distribuição equitativa dos benefícios do turismo.
AMARN Manaus	Artesanato como meio de sustento e superação de exploração, resgatando a economia própria das mulheres indígenas.	Expressão de identidade e “Bem Viver”; resistência cultural e valorização do patrimônio intelectual e ancestral.	Uso da fibra de tucum (“linha da lealdade”) como resistência a materiais artificiais; conexão com a cosmologia e histórias.
AAUV Maués	Artesanato como fonte de renda, especialmente com massa de guaraná, cipós e barro.	Expressão da identidade cultural Sateré-Mawé, enraizada em mitos e narrativas ancestrais.	Uso consciente do açaizeiro (polpa, caroços, fibras, folhas) para preservar a tradição e promover o uso sustentável dos recursos naturais.
FAM Novo Airão	Transformação de madeira descartada em artesanato; geração de renda e formação profissional para a comunidade.	Artesanato que reflete a fauna local e elementos culturais/naturais da Amazônia.	Uso responsável de recursos naturais (madeira de descarte, manejo sustentável do arumã); inclusão social e igualdade de oportunidades.
Cestaria Baniwa Rio Preto da Eva	Preservação cultural e adaptação urbana de uma tradição milenar; geração de renda através de cestos, luminárias etc.	Cestaria como expressão cultural mais forte da etnia Baniwa; adaptação de saberes ao contexto urbano sem perder a essência.	Não explicitamente detalhada em termos de manejo de recursos na fonte, mas implícita na preservação do saber ancestral ligado à natureza.

Regiões Povos	 Luta instrumental	 Luta identitária	 Luta ética
Quilombo do rio Andirá	Sistema agroflorestal integrado (roçado, extrativismo, pesca, criação); artesanato como subsistência.	Transmissão oral de conhecimentos; uso de ferramentas e artefatos tradicionais; reforço do pertencimento e conexão ancestral.	Interação agroecológica com o ambiente, respeito aos ciclos naturais e biodiversidade; manejo sustentável de materiais (cipó titica, cipó ambé, arumã, barro).
 Pará	Oferece alternativa econômica digna para mulheres, gerando renda e crescimento pessoal; transformação do látex em biojoias.	Reaproveitamento do látex, valorizando a seringueira e os saberes tradicionais; protagonismo feminino em um setor historicamente masculino.	Uso sustentável do látex (floresta em pé); compromisso com a justiça social e ambiental, empoderamento feminino.
Da Tribu Ilha de Cotijuba	Oferece alternativa econômica digna para mulheres, gerando renda e crescimento pessoal; transformação do látex em biojoias.	Reaproveitamento do látex, valorizando a seringueira e os saberes tradicionais; protagonismo feminino em um setor historicamente masculino.	Uso sustentável do látex (floresta em pé); compromisso com a justiça social e ambiental, empoderamento feminino.
Mestre Dimmi Belém/Cotijuba	Busca por dignidade e espaço para o trabalho artesanal (Feira de Artesanato da Praça da República); instrumentos musicais como sustento.	Guardião das tradições paraenses; movimento “Batuque na Praça” e “Projeto Etnias Culturais” promovem e valorizam a cultura.	Uso de matérias-primas sustentáveis (bambu, cuia, cipó) coletadas com respeito ao meio ambiente e culturas locais; valorização intrínseca do patrimônio imaterial.
Mestre Miranda Abaetetuba	Miriti como fonte de provisão e sustento familiar, permitindo participação em feiras nacionais.	Conexão ancestral com a palmeira; arte como extensão da própria identidade e narrativa viva da resiliência.	Miriti como “Palmeira Santa” que não o deixou sem sustento; manejo para renovação do recurso para futuras gerações.
Meriane Matias Miranda Abaetetuba	Liderança na AAPAM para profissionalização e capacidade de comercialização; busca por sede própria e caminhão para transporte.	Ponte entre sabedoria ancestral e energia da juventude, integração de novas gerações ao artesanato de miriti.	Gestão que busca sustentabilidade em todas as vertentes (transparência financeira, diálogo coletivo, fomento a práticas de manejo responsável).





Regiões Povos	 Luta instrumental	 Luta identitária	 Luta ética
Augusto Costa (Gugu) Abaetetuba	Artesanato de miriti como fonte de autonomia financeira e oportunidades.	Manejo com base em conhecimentos transmitidos por gerações (ciclos lunares); peças com forte identidade local, como as miniaturas de pássaros.	Manejo sustentável do miriti (poda controlada); compromisso social através do trabalho voluntário e perpetuação do saber.
Joel Cordeiro da Silva Abaetetuba	Craiação inovadora em biocompensado de miriti, impactando a vida de mais de 100 famílias.	Resgate do potencial do miriti; soluções para a Amazônia na própria floresta e sua gente; produtos globais sem abandonar raízes culturais.	Incentivo ao plantio e cuidado com os miritizais, além da valorização dos trabalhos realizados nas comunidades.
Enilda Vasconcelos Sítio Vida Nova Abaetetuba	Aproveitamento integral de frutas nativas (farinhas, sucos, licores) para diversificação e geração de renda; independência financeira.	Valorização dos frutos nativos e do saber-fazer comunitário; embalagens artesanais de cascas de frutas reforçam identidade.	Minimização de desperdício (filosofia "zero descarte"); impacto positivo em hábitos alimentares e saúde da comunidade.
Vera Luz Santos Sena Comunidade Quilombola do rio Acaraqui	Cultivo da roça, transformação de materiais, como subsistência e alternativa de renda (açai em artesanato).	Preservação de valores transmitidos entre gerações; ressignificação do açai como identidade cultural.	Respeito às práticas tradicionais e uso integral do açazeiro ("nada se desperdiça"); busca por soluções para impactos das mudanças climáticas.
Izaías Grande Belém	Artesanato como fonte exclusiva de sustento; parcerias com SEBRAE e PAB para qualificação e comercialização.	Aprimoramento técnico e estudos em artes visuais; integração de grafismos Marajoara, Tapajônica e Rupestre em cuias e remos.	Busca contínua por aprimoramento e perpetuação do saber; valorização do conhecimento formal e popular.

Regiões Povos	 Luta instrumental	 Luta identitária	 Luta ética
Madame Floresta Grande Belém	Filosofia “zero descarte” para otimizar recursos e gerar valor; emprega mulheres e fomenta a economia local.	Celebração da cultura amazônica; estamparia e bordados manuais resgatam ancestralidade local.	Compromisso com o meio ambiente (zero descarte); inclusão social e capacitação de mulheres; ética de qualidade e durabilidade.
Mestre Doca Leite Icoaraci	Cerâmica como fonte de sustento e expressão artística; participação em projetos de ensino em outras regiões do Brasil.	Inovação na arte marajoara e incorporação de técnicas tapajônicas, criando identidade própria.	Resiliência ao recomeçar do zero e construir espaço próprio; preservação da essência das artes com inovações acessíveis.
João Bruno Cordeiro Gonçalves Icoaraci	Continuidade e expansão de legado familiar na cerâmica; uso de canais digitais para superar desafios logísticos.	Preservação e inovação da cultura cerâmica, fundindo tradições ancestrais (Marajoara, Tapajônica, Maracá) na arte icoaraciense.	Dedicção em manter viva uma tradição ancestral e familiar; empenho em valorizar e difundir a cerâmica amazônica.
Mestre Guilherme Santana Icoaraci	Reinvenção da cerâmica (de utilitária para decorativa); uso de novas ferramentas e canais (redes sociais) para sustentabilidade do negócio.	Defesa da cerâmica do Paracuri como “caldeirão de influências” (amazônica, natureza, contemporânea); diferenciação da cerâmica marajoara original.	Com respeito ao barro e uso consciente dos recursos naturais, a arte preserva a natureza, a sabedoria ancestral e une cultura à ética ambiental.
Maynara Santana Icoaraci	Uso da cerâmica para “transformar sua visão de mundo” e gerar renda.	Ativismo em identidade afro-amazônida; valorização de sua comunidade e representatividade negra; busca por conexão com as raízes.	Compromisso social através do ativismo e criação de espaços inclusivos; cerâmica como lição de “tempo e paciência”, refletindo ética ecológica e existencial.

Regiões Povos	 Luta instrumental	 Luta identitária	 Luta ética
Sebastian Santos Icoaraci	Criação de espaço colaborativo de arte e resistência, gerando oportunidades econômicas.	O diálogo com a juventude incorpora novas identidades e técnicas ao barro, conectando diferentes formas de expressão e valorizando a criatividade e diversidade	A cerâmica carrega um compromisso ético que une justiça social e respeito ambiental, equilibrando tradição e inovação com práticas sustentáveis e responsáveis.
Marly Santana Icoaraci	Com foco no acabamento e controle de qualidade, o artesanato fortalece a sobrevivência econômica e a geração de renda de forma digna.	Guardiã da excelência e identidade do ateliê; experiência em acabamentos molda sua técnica e "cuidado especial".	Dedicção incansável à qualidade e transmissão de valores; infunde cultura de cuidado e respeito pelo material e processo.
 Acre	Ampliação das possibilidades de subsistência para famílias; transformação de recursos naturais em produtos artesanais.	Simboliza crescimento e renovação das famílias; conexão com a cultura local e memórias das comunidades.	Compromisso indissociável com a justiça social e conservação ambiental; uso de materiais nativos (cipó, sementes) com extração seletiva e responsável.
Atelier Florescer Seringal Guanabara	Artesanato como instrumento essencial de sobrevivência e autonomia econômica para as mulheres (Apaminktaj).	Kene Kuin ("desenho verdadeiro") como linguagem visual da identidade, força e espírito do povo; cada peça é uma "joia única repleta de significado ancestral".	Respeito e harmonia com a natureza; uso consciente dos recursos; cultivo colaborativo do algodão.
Huni Kuĩ Rio Branco	Transição para o artesanato como novo propósito e busca por profissionalização; desenvolvimento artístico e comercial do 'Sagrado Barro.	Conexão do barro com resgate da identidade cultural brasileira (raízes amazônicas, africanas, indígenas); uso de símbolos de poder e religiosidade.	Promoção de justiça social através da valorização cultural; instiga reconexão humana e espiritual; valorização do material e sua origem.
Glads Mourão Batista Senador Guimard	Artesanato como instrumento essencial de sobrevivência e autonomia econômica para as mulheres (Apaminktaj).	Kene Kuin ("desenho verdadeiro") como linguagem visual da identidade, força e espírito do povo; cada peça é uma "joia única repleta de significado ancestral".	Respeito e harmonia com a natureza; uso consciente dos recursos; cultivo colaborativo do algodão.

Regiões Povos	 Luta instrumental	 Luta identitária	 Luta ética
Socorro Souza Porto Acre	Pioneirismo e inovação no beneficiamento de sementes; criação de ferramentas e rede de trabalho.	Conexão profunda com a Amazônia e singularidade de na técnica; aproveitamento sustentável de recursos naturais locais; reconhecimento como 'Mestre Artesã'.	Conexão profunda com Amazônia, com técnicas singulares e uso sustentável de recursos locais, afirma o artesanato como preservação cultural e expressão identitária.
Maqueson Pereira da Silva Cruzeiro do Sul	Uso do conhecimento e trabalho manual na marchetaria como meio de prosperar, destacando o artesanato como instrumento de transformação.	Fusão de mundos (floresta e ambiente urbano); obras únicas que exibem habilidade e respeito por suas raízes.	Compromisso com a preservação da cultura amazônica e o uso consciente dos recursos da floresta, em respeito ao meio ambiente.
Amélia Marubo Cruzeiro do Sul	Adaptação para manter viva a tradição ancestral em contexto urbano; cerâmica como principal forma de expressão e subsistência.	Reafirmação da cultura e pertencimento através de cada peça; aruá como símbolo identitário profundo.	Respeito pelos ciclos naturais e pela memória ancestral na coleta do barro e aruá; ética de interdependência com o ambiente.
Povo Puyanawa Cruzeiro do Sul	Artesanato como segunda fonte de renda e pilar de subsistência; divisão de gênero colaborativa.	Autenticidade e singularidade, evitando cópias; cada peça tem significado próprio; rituais, música e festividades centrais.	Rigor no respeito às próprias tradições e rejeição a copiar outras culturas; artesanato integrado à espiritualidade e meio ambiente.
Ana Cláudia, Maria da Glória, Vera Lúcia Cruzeiro do Sul	Conhecimento tradicional como ferramenta de crescimento pessoal e independência; uso de cipó titica e buriti para sustento.	Escolha de materiais que refletem herança cultural e vida ligada à floresta; arte como forma de afirmar a identidade.	Uso consciente e manuseio sem devastar a floresta; materialização da ética em práticas sustentáveis.

Regiões Povos	 Luta instrumental	 Luta identitária	 Luta ética
 Maranhão	<p>O artesanato, com destaque para os bordados, promove a geração de renda, o valor justo e a gestão coletiva.</p>	<p>Origem enraizada em Mestre Apolônio; memória da Baixada Maranhense; transmissão intergeracional do saber; diversidade cultural (europeia, africana, indígena); Cazumba como figura mística.</p>	<p>Cultura como catalisador social; acolhimento de jovens vulneráveis; “cuidar e cultivar” por meio da cultura; gestão com divisão de tarefas; garantia de “valor justo”.</p>
<p>Bumba Meu Boi da Floresta São Luís</p>	<p>Transição para o artesanato como fonte de renda, unindo acesso ao mercado via Ceprama.</p>	<p>Legado familiar transmitido por gerações, onde a produção de miniaturas de embarcações e do Bumba Meu Boi materializa símbolos culturais.</p>	<p>Uso de recursos locais (buriti); responsabilidade intergeracional (filhas); sonho de centro cultural para diálogo com comunidade e turistas.</p>
<p>Mestre Douglas de Jesus Castro Lopes Paço do Lumiar</p>	<p>Uso estratégico do artesanato de buriti para subsistência; renda crucial para mulheres artesãs; organização de produção e comercialização; reinvestimento da renda na economia local.</p>	<p>Preservação e afirmação da identidade quilombola; trabalho com buriti como “legado”; “saber ancestral, muito importante”.</p>	<p>Equilíbrio entre produção e práticas sustentáveis/éticas; uso consciente de recursos naturais (buriti); preocupação com desafios climáticos.</p>
<p>Associação dos Artesãos de Santa Maria Alcântara</p>	<p>A cerâmica como meio de sustento e transformação, fortalecendo a geração de renda por meio da fundação da Associação.</p>	<p>Cerâmica indissociável da história do quilombo; origem ancestral (bisavós, escravos); linhagem familiar; Eloísa Inês de Jesus como guardiã; busca por perpetuar ofício entre jovens.</p>	<p>Consciência ecológica no manejo sustentável do barro, unindo a preocupação com as mudanças climáticas, e a garantia do legado para as novas gerações.</p>
<p>Cerâmica de Itamatatuiua Alcântara</p>			

Regiões Povos	 Luta instrumental	 Luta identitária	 Luta ética
Artesanato em geral Cururupu	Artesanato como alternativa crucial de subsistência; geração de renda (miniaturas, balaios, bordados).	Artesanato como veículo de fortalecimento cultural; Bumba Meu Boi Costa de Mão com raízes históricas (escravidão); elementos refletem valores comunitários; risco da invisibilidade de tradições.	Manejo consciente de recursos (guarimã); ancestralidade no artesanato; adaptações à sustentabilidade (peles sintéticas); iniciativas coletivas com trocas comunitárias.
“As Anas” Mirinzal	Cerâmica como alavanca econômica; antes restrito, ganhou visibilidade e valor com Jandir Gonçalves; fonte de renda sólida com encomendas de todo Brasil.	Linhagem de “Anas” como transmissão de saberes; ofício da cerâmica como elo com tradição ancestral; singularidade do barro local e uso de juçara no acabamento.	Desafio da escassez de taquipé (devido a desmatamento) como questão ética; ameaça à continuidade da prática milenar; defesa do legado de respeito à natureza.
Associação das Rendeiras Bilro de Ouro Raposa	Renda de bilro como alternativa de subsistência para famílias; força do coletivo para reduzir instabilidade econômica.	Saber artesanal trazido por migrantes cearenses; renda de bilro como símbolo de identidade coletiva; preservação de memórias ancestrais e moldagem da identidade atual.	Modelo de trabalho solidário e inclusivo; fortalecimento comunitário; transparência e equidade; preocupação com baixa participação de jovens e transmissão de saberes.
 Tocantins	Artesanato de capim dourado como principal atividade econômica (58 artesãs); complementa renda familiar; vendas físicas, digitais e exportação via Central do Cerrado; catalisador de desenvolvimento.	Capim dourado como símbolo identitário do Jalapão; legado de Dona Alzira; preservar o capim é preservar história e antepassados; resgate de histórias quilombolas; Festa da Rapadura celebra união.	Crise hídrica e escassez de capim dourado ameaçam as veredas; o território quilombola resiste por meio de iniciativas ambientais.
Associação Quilombo do Prata Jalapão	Artesanato de capim dourado como principal atividade econômica (58 artesãs); complementa renda familiar; vendas físicas, digitais e exportação via Central do Cerrado; catalisador de desenvolvimento.	Capim dourado como símbolo identitário do Jalapão; legado de Dona Alzira; preservar o capim é preservar história e antepassados; resgate de histórias quilombolas; Festa da Rapadura celebra união.	Crise hídrica e escassez de capim dourado ameaçam as veredas; o território quilombola resiste por meio de iniciativas ambientais.

Regiões Povos

luta instrumental



luta identitária



luta ética



Comunidade Mumbuca Jalapão

O capim dourado representa 95% da renda familiar, fortalecendo a sobrevivência econômica por meio da loja da Associação.

Capim dourado como berço do artesanato; protagonismo feminino (Dona Laurina, Dona Miúda); “vivência cultural” fortalece laços com raízes; Quilombo Mumbuca como território sagrado; viola de buriti e música como legado.

Manejo regulamentado do capim dourado e proteção contra coletores ilegais;

Associação Comunitária dos Artesãos e Pequenos Produtores de Mateiros Jalapão

O capim dourado, principal fonte de renda para 78 associados, sustenta a sobrevivência econômica e impulsiona a visibilidade do Jalapão em feiras globais.

Capim dourado, antes desvalorizado, hoje orgulho do patrimônio; herança ancestral; transmissão de saberes tradicionais; projetos educacionais; artesanato como promoção da identidade regional.

Manejo regulamentado do capim dourado; combate ao tráfico ilegal; proteção do Cerrado é vital para subsistência.

Associação de Capim Dourado Pontaltense (ACDP) Ponte Alta do Tocantins

O capim dourado, principal fonte de renda para 23 artesãs, sustenta a sobrevivência econômica com foco no consumidor final, fortalecendo parcerias estratégicas e promovendo autonomia administrativa na busca por recursos externos.

As artesãs fortalecem a luta identitária ao criar coleções que valorizam símbolos locais, como a Pedra Furada, preservando tradições culturais e promovendo reconhecimento regional e global.

O capim dourado é adquirido exclusivamente de coletores regulamentados, promovendo responsabilidade ética e preservação das tradições.

Regiões Povos

luta instrumental



luta identitária



luta ética



Wanderley
Batista de
Carvalho
Taquaruçu

O artesanato une sustento e valorização cultural, com projetos como 'Memórias do Barro' e 'Batuque do Barro' ampliando oportunidades por meio da venda de peças, participação em editais e atração de turismo cultural.

Cerâmica expressa alma tocantinense; inspiração em Sussa e saberes quilombolas/indígenas; viola de buriti como patrimônio; 'Café com Viola' celebra pluralidade cultural; educação patrimonial.

Os materiais, como barro e buriti, são obtidos com respeito ao território, reforçando o compromisso com a preservação ambiental.

Maria Elza
de Oliveira
Lajeado

Empoderamento econômico e renda para mulheres vulneráveis (AMAE); artesanato como principal sustento; sustentabilidade da AMAE via parcerias/editais; inauguração de lojas; projeção para mercados nacionais.

Criação de identidade cultural para cerâmica local (vitrificação, engobe); iconografia replicada; relação com patrimônio arqueológico; ambição de fundar escola de cerâmica para preservar saberes.

Responsabilidade social e ambiental; uso de argila local (baixo impacto); AMAE como espaço de inclusão; valorização do saber-fazer tradicional.



8.4 Síntese e Perspectivas para a Amazônia Legal

A construção deste quadro detalhado revela que o artesanato na Amazônia Legal não é apenas um conjunto de atividades produtivas, mas um ecossistema complexo de saberes, lutas e resistências. Cada comunidade e artesão, com suas especificidades regionais e culturais, contribui para um ecossistema rico onde as dimensões instrumental, identitária e ética se entrelaçam e se reforçam mutuamente.

● **Interconexão de Lutas:** Fica evidente que as “lutas” não são isoladas. A busca por autonomia instrumental frequentemente impulsiona a afirmação identitária, enquanto a ética do uso sustentável é intrínseca à cosmovisão e à preservação cultural dos povos. A geração de renda (Instrumental) das mulheres Huni Kuĩ por meio do artesanato, por exemplo, é inseparável da manutenção dos grafismos Kene Kuin (Identitária) e do uso consciente dos recursos naturais (Ética).

● **Resiliência e Adaptação:** Os artesãos da Amazônia demonstram uma notável capacidade de adaptação. Diante de desafios logísticos, ambientais (como as mudanças climáticas que afetam a disponibilidade de matérias-primas) e de mercado, eles buscam soluções inovadoras – seja na criação de cooperativas, no uso de ferramentas adaptadas ou na exploração de novas plataformas de comercialização.

● **Patrimônio Imaterial e Inovação:** O Mapeamento revelou como o artesanato é um veículo vivo para a transmissão de patrimônios culturais imateriais, ao mesmo tempo em que permite a inovação. A capacidade de transformar elementos da floresta em produtos de design contemporâneo, como os óculos de realidade virtual Miriti VR, ou de adaptar técnicas milenares a novas demandas, é um exemplo dessa dualidade.

● **Oportunidades e Desafios Contínuos:** Apesar dos avanços em reconhecimento e comercialização, o setor ainda enfrenta desafios significativos, como a logística de transporte em uma região vasta, a necessidade de mais apoio governamental e a importância de engajar as novas gerações para a continuidade dos saberes. A formalização e profissionalização, sem descaracterizar a essência artesanal, são estratégias importantes a serem implementadas para a continuidade do fazer artesanal na região.



Amazônia Legal

Vozes da Floresta, Saberes e Futuros

O CORAÇÃO ARTESANAL DA AMAZÔNIA LEGAL

Uma jornada pela criatividade, resiliência e sustentabilidade em cinco estados que tecem, em peças artesanais, a alma de um bioma e a força de seus povos. O artesanato aqui é mais que produto: é luta, identidade e ética.



Lago em coração fotografado durante um sobrevoo no arquipélago de Anavilhanas - AM. Foto por Ivancana(Wikipédia).

luta instrumental



ECONOMIA E INOVAÇÃO

O artesanato como ferramenta vital para geração de renda, autonomia econômica e desenvolvimento social, adaptando saberes tradicionais à economia contemporânea.

AMAZONAS: O MOSAICO DE SABERES ANCESTRAIS

- **Saberes ancestrais:** Em cada peça, os saberes ancestrais, especialmente das mulheres indígenas, convertem recursos da floresta em meios para o sustento digno das comunidades.
- **Sustentabilidade Econômica:** Conduzem uma batalha por reconhecimento, na qual o artesanato é a materialização do valor inestimável de suas culturas.



PARÁ: ENTRE A FLORESTA E A INOVAÇÃO, COM OPORTUNIDADES GLOBAIS

- **Inovação e escalabilidade:** recursos naturais são transformados em biojoias de látex, bionstrumentos e biocompensados de miriti. Isto gera impacto social e econômico ampliado.
- **Profissionalização:** Associações e projetos profissionalizam o setor, garantindo rentabilidade, reconhecimento e a expansão para mercados nacionais e internacionais, valorizando o trabalho artesanal.

ACRE: RESILIÊNCIA EXTRATIVISTA, SUPERANDO LIMITES E IMPULSIONANDO A ECONOMIA CRIATIVA

- **Conhecimento tradicional:** O conhecimento tradicional transforma sementes, cipós e materiais da floresta em pilar essencial de subsistência, impulsionando a economia criativa e a autonomia em contextos desafiadores.

MARANHÃO: SOTAQUES DE BOI, NARRATIVAS QUILOMBOLAS E A FIBRA QUE DANÇA NO SUSTENTO

- **Bumba Meu Boi:** Manifestações culturais, como o Bumba Meu Boi, tornam-se centros dinâmicos de formação e geração de valor econômico, qualificando jovens e abrindo portas para o mercado cultural.
- **Pilar de Sustento familiar:** A adaptação de técnicas e a visão estratégica de mercado transformam o artesanato em pilar de sustento familiar, garantindo prosperidade e expansão, como nas miniaturas de buriti, balaios, bolsas e cerâmicas.

TOCANTINS: O BRILHO DO CAPIM DOURADO, CONSTRUINDO AUTONOMIA E PROJETANDO O CERRADO

- **Fonte de renda:** O capim dourado é a principal fonte de renda para comunidades quilombolas, organizadas em associações para buscar acesso a mercados nacionais e internacionais.
- **Economia e Cultura:** Projetos de educação patrimonial e a união de arte com recursos da natureza (cerâmica e viola de buriti) fortalecem a economia e a cultura local, atraindo turistas e investimentos.



CULTURA E RECONEXÃO

A arte como expressão profunda de identidade, memória ancestral, resistência cultural e elo com a história e a cosmovisão dos povos.

AMAZONAS: MOSAICO CULTURAL EM CADA PEÇA, VETOR DE COESÃO SOCIAL

● **Biodiversidade Cultural:** O artesanato é uma expressão vibrante da biodiversidade cultural, refletindo a intrínseca relação entre a diversidade biológica e as culturas humanas.



PARÁ: REAFIRMAÇÃO AMAZÔNICA E GUARDIÃO DE TRADIÇÕES ANCESTRAIS EM CADA TRAÇO

● **Grafismos Ancestrais:** A arte funde grafismos ancestrais (marajoara, tapajônica, rupestre) com o contemporâneo, projetando a identidade regional e a complexidade do saber-fazer.

● **Guardiões das Tradições:** O fazer artesanal consagra “guardiões” das tradições, valoriza o legado cultural paraense, transmitindo às novas gerações e resistindo à homogeneização.



ACRE: A COSMOVISÃO INDÍGENA E O LEGADO SERINGUEIRO NA ALMA DA ARTE

● **Cosmovisão Indígena:** Os grafismos Kene Kuin são a linguagem visual da ancestralidade e conexão com a floresta, solidificando a identidade indígena frente à globalização, carregando histórias e visões de mundo.

● Cada peça carrega a **memória dos seringueiros** e práticas ancestrais. Salvaguarda saberes e o pertencimento à Reserva Chico Mendes, afirmando a herança extrativista.





MARANHÃO: NARRATIVAS QUILOMBOLAS E A MELODIA DOS SOTAQUES DO BUMBA MEU BOI TECIDAS NA ARTE

- **Resistência Cultural:** A diversidade cultural do Bumba Meu Boi, a cerâmica quilombola e a renda de bilro são símbolos de pertencimento, memória e resistência cultural, adaptando-se e arraigando-se ao território.



TOCANTINS: O BRILHO DO CAPIM DOURADO, RECONSTRUINDO IDENTIDADES NO CERRADO QUILOMBOLA

- **Resistência:** O capim dourado é o ícone de resistência e organização no Jalapão, registrando histórias de liderança feminina e transmissão intergeracional, tornando-se um símbolo regional.

- **Herança Cultural:** A cerâmica tocantinense busca identidade própria inspirada em tradições como a dança da Sussa e a viola de buriti, valorizando a herança cultural do Cerrado.

luta ética



SUSTENTABILIDADE E JUSTIÇA SOCIAL

O compromisso inabalável com a conservação ambiental, o uso consciente de recursos, o respeito às tradições e a promoção da equidade social na produção artesanal.



AMAZONAS: ARTESANATO, A MANIFESTAÇÃO DO ECOSSISTEMA CULTURAL E DO BEM VIVER

- **Bem-Viver:** O artesanato simboliza a integridade do ecossistema cultural, evidenciando vitalidade e inovação, com profundo respeito ecológico enraizado na cosmovisão local.

- **Resistência:** A produção artesanal é vista como expressão de resistência ao capitalismo e promoção do “Bem-Viver”, garantindo a autonomia e dignidade dos povos e a coexistência com a natureza.

PARÁ: FLORESTAS EM PÉ, MANEJO SUSTENTÁVEL E COMÉRCIO JUSTO

- **Floresta Viva:** O manejo sustentável de látex, miriti e outras matérias-primas, com poda controlada e aproveitamento integral de recursos (zero descarte), assegura a manutenção da 'floresta viva'.

- **Comércio Justo:** A prática do comércio justo e a valorização do processo artesanal se unem ao respeito ambiental, com foco na qualidade, durabilidade e na conscientização sobre a origem de cada peça.

ACRE: LEGADO DE CONSERVAÇÃO, RESILIÊNCIA CLIMÁTICA E VALORIZAÇÃO DAS RAÍZES

- **Conservação Ambiental:** As práticas de extração seletiva e responsável dos materiais seguem o legado de conservação ambiental, alinhado à justiça social e à perenidade dos recursos da floresta.

- **Mudanças Climáticas:** Os artesãos têm voz ativa na conscientização sobre os impactos das mudanças climáticas. São resilientes, se adaptam, além de valorizar as raízes africanas e indígenas.

MARANHÃO: CULTURA, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E RESPONSABILIDADE COM O PATRIMÔNIO NATURAL

- **Inclusão:** Manifestações culturais acolhem jovens vulneráveis, promovendo inclusão, respeito e uma gestão ética na comunidade, refletindo a cultura como um catalisador social.

- **Manejo Sustentável:** Comunidades atuam no manejo sustentável de fibras como o buriti e na extração de barro, de forma adaptada e combatendo a degradação ambiental para preservar os recursos naturais.

TOCANTINS: PROTEÇÃO DO CERRADO, MANEJO REGULAMENTADO E VALORIZAÇÃO DO TRABALHO JUSTO

- **Proteção do Cerrado:** Comunidades quilombolas combatem incêndios, promovem reflorestamento e lutam por demarcação territorial para proteger o Cerrado, garantindo a perenidade do bioma.

- **Manejo:** O manejo regulamentado e fiscalizado do capim dourado garante a regeneração e combate ao tráfico da planta, assegurando a valorização da matéria-prima e a consciência do consumidor.

DESAFIOS COMUNS: ENTRE OBSTÁCULOS E A RESILIÊNCIA DOS SABERES

Obstáculos compartilhados pelos artesãos da Amazônia Legal que exigem soluções integradas e políticas públicas eficazes.

- **Logística e Conectividade:** Altos custos e dificuldades de transporte para mercados distantes, somados à falta de infraestrutura de internet em comunidades remotas.
- **Desvalorização do Feito à Mão:** Percepção de baixo valor do artesanato local, dificuldade em competir com produtos externos e apropriação indevida de saberes.
- **Crise Climática e Matéria-Prima:** Impactos das mudanças climáticas, desmatamento e degradação ambiental na disponibilidade e manejo de recursos naturais.
- **Engajamento Intergeracional:** Crescente desinteresse das novas gerações em aprender e perpetuar os ofícios ancestrais, ameaçando a continuidade da atividade.
- **Formalização e Estrutura:** Necessidade de apoio para formalização, de capacitação em gestão, de acesso a recursos financeiros e espaços adequados de produção e comercialização.

OPORTUNIDADES ESTRATÉGICAS: TECENDO PONTES PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

Caminhos para o crescimento sustentável e a valorização do artesanato, impulsionando o desenvolvimento regional.

- **Mercados Digitais e Parcerias Estratégicas:** Expansão para e-commerce, produção de conteúdo nas redes sociais e colaborações com instituições e projetos que ampliem a visibilidade e as vendas.
- **Turismo Cultural de Base Comunitária:** Criação de experiências autênticas que conectem visitantes à produção artesanal e às histórias locais, gerando renda direta e valorização.
- **Indicações Geográficas (IG) e Certificações:** Busca por selos de origem que valorizem produtos, protejam a identidade e elevem o reconhecimento no mercado global.
- **Inovação e Bioeconomia Regenerativa:** Integração de tecnologia com saberes ancestrais, e projetos que unem conservação, manejo de recursos e geração de renda, como o biocompensado e VR.
- **Fortalecimento Associativo e Liderança Feminina:** Apoio a grupos e associações, especialmente os liderados por mulheres, para gestão, acesso a mercados e empoderamento social.
- **Políticas Públicas e Investimento:** Luta por apoio efetivo em logística, crédito, formação, espaços de comercialização e programas que incentivem a transmissão de saberes.



9. e-Books

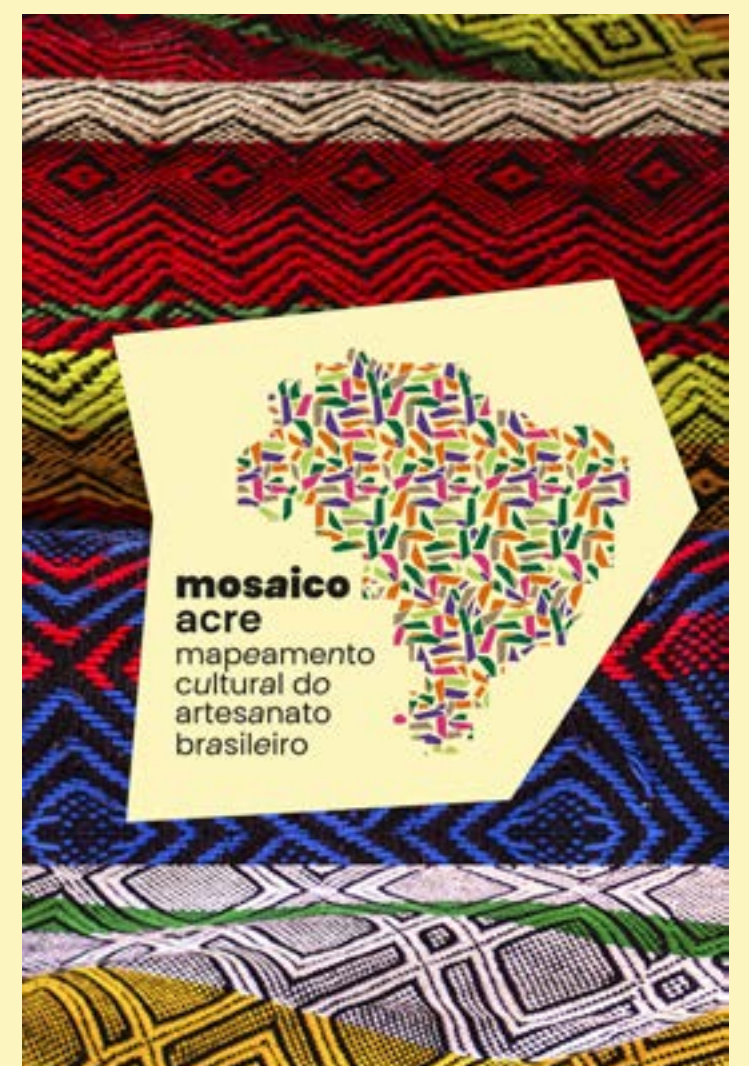
Veja os e-books disponíveis de cada um dos 5 estados mapeados e confira as pesquisas completas:



 **Mosaico Amazonas**



 **Mosaico Pará**



 **Mosaico Acre**



 **Mosaico Maranhão**



 **Mosaico Tocantins**

10. Documentários

Assista aos documentários produzidos em cinco estados da Amazônia Legal:



 **Mosaico Amazonas** 
Ep. 01



 **Mosaico Amazonas** 
Ep. 02



 **Mosaico Amazonas** 
Ep. 03



 **Mosaico Amazonas** 
Ep. 04



 **Mosaico Amazonas** 
Ep. 05



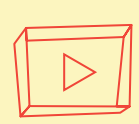
 **Mosaico Pará** 
Ep. 01



 **Mosaico Pará** 
Ep. 02



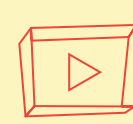
 **Mosaico Pará** 
Ep. 03



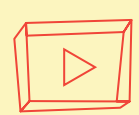
Mosaico Acre
Ep. 01



Mosaico Acre
Ep. 02



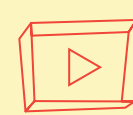
Mosaico Acre
Ep. 03



Mosaico Maranhão
Ep. 01



Mosaico Maranhão
Ep. 02



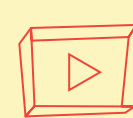
Mosaico Maranhão
Ep. 03



Mosaico Tocantins
Ep. 01



Mosaico Tocantins
Ep. 02



Mosaico Tocantins
Ep. 03



Conteúdos Extras



Ouçá a playlist da pesquisa sonora que fizemos da Amazônia.



Confira nossa página com mais conteúdos do projeto Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro.



Referências

BRASIL. Lei n.º 1.806, de 06 de janeiro de 1953. Dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 07 jan. 1953. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1806-6-janeiro-1953-367342-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 05 set. 2025.

BRASIL. Lei 5.173, de 27 de outubro de 1966. Extingue a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e cria a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, 27 out. 1966. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5173.htm. Acesso em: 05 set. 2025

BUGGE, M., T. Hansen e A. Klitkou. **What is the Bioeconomy? A Review of the Literature**. Sustainability 8, no 7, 2016. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/8/7/691>. Acesso em 23 ago. 2025.

ESPECIAL – Amazônia: Passado, presente e futuro da floresta. **Stanford Social Innovation Review Brasil**. Disponível em: <https://ssir.com.br/category/especial-amazonia/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

GLOBAL BIOECONOMY SUMMIT. **Communiqué of the Global Bioeconomy Summit 2015**: Making Bioeconomy Work for Sustainable Development. Berlim: Global Bioeconomy Summit, 2015. Disponível em: https://gbs2020.net/wp-content/uploads/2021/10/Communique_final_neu.pdf. Acesso em: 7 set. 2025.

IBGE. Estrutura Territorial da Amazônia Legal. 2022^a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 23 ago. 2025.

IBGE. Áreas Territoriais dos Municípios Brasileiros. 2022^b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html>. Acesso em: 23 ago. 2025.

INSTITUTO ESCOLHAS. **Como a Bioeconomia pode Reduzir a Pobreza na Amazônia?**. São Paulo: 2023. Disponível em: <https://escolhas.org/wp-content/uploads/2023/03/Sumario-Como-a-bioeconomia-pode-reduzir-a-pobreza-na-Amazonia.pdf>. Acesso em: 7 set. 2025.

LOPES, Cristina Leme; CHIAVARI, Joana. **Bioeconomia na Amazônia: análise conceitual, regulatória e institucional**. Rio de Janeiro: Climate Policy Initiative, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – CPI/PUC-Rio, 2021.

LOPES, Cristina L.; CHIAVARI, Joana. **Cancelamento de CAR em Terras Indígenas**: desafios e propostas para uma melhor regulamentação. Rio de Janeiro: Climate Policy Initiative, 2022. Disponível em: <https://www.climatepolicyinitiative.org/pt-br/publication/cancelamento-de-car-em-terras-indigenas-desafios-e-propostas-para-uma-melhor-implementacao/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

NOBRE, Carlos., BRANDÃO, Diego, ARIEIRA, Julia. **O Futuro em Jogo.** Amazônia 2030, 2022. Disponível em: <https://ssir.com.br/edicao-especial-amazonia.pdf>. Acesso em: 23 ago 2025.

SANTOS, Daniel; LIMA, Manuele; VILHENA, Agatha; VERÍSSIMO, Beto; SILVA, Caíque. **Fatos da Amazônia 2025.** Belém e São Paulo: Amazônia 2030, 2025. Disponível em: <https://amazon.org.br/publicacoes/fatos-da-amazonia2025/>. Acesso em: 05 set. 2025.

Sistema de Monitoramento da Exploração Madeireira (Simex). **Mapeamento da exploração madeireira na Amazônia** – Agosto 2021 a Julho 2022. Belém: Imazon, Idesam, Imaflora e ICV. 2023. <https://amazon.org.br/publicacoes/sistema-de-monitoramento-da-exploracao-madeireira-simex-mapeamento-da-exploracao-madeireira-na-amazonia-agosto-2021-a-julho-2022/>. Acesso em: 05 set. 2025.

Veríssimo, Beto; Juliano Assunção, Paulo Barreto, Manuele Lima, Daniel Santos. **As 5 Amazônias:** bases para o desenvolvimento sustentável da Amazônia Legal. Amazônia 2030, 2022. Disponível em: <https://ssir.com.br/edicao-especial-amazonia.pdf>. Acesso em: 23 ago 2025.

Vivien, F. D., M. Nieddu, N. Befort, R. Debrefa e M. Giampietro. **“The Hijacking of the Bioeconomy”**. Ecological Economics 159 (2019): 189-197. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0921800918308115?via%3Dihub>. Acesso em: 23 ago. 2025.



Ficha técnica

SEBRAE

Presidente do Conselho Deliberativo Nacional: José Zeferino Pedroso

Diretor Presidente: Décio Lima

Diretor Técnico: Bruno Quick

Diretora de Administração e Finanças: Margarete Coelho

Gerente da Unidade de Competitividade: Fabio Krieger Lopes Reis

Gerente Adjunto da Unidade de Competitividade: Patrícia Mayana

Gestora Nacional de Artesanato: Durcelice Cândida Mascêne

COMITÊ NACIONAL DE GOVERNANÇA DO CRAB

SEBRAE NACIONAL: Bruno Quick

SEBRAE RIO: Sergio Malta

SEBRAE AMAZONAS: Lamisse Said da Silva Cavalcante

SEBRAE PARÁ: Rubens da Costa Magno Júnior

SEBRAE ACRE: Kleber Campos Júnior

SEBRAE PARAÍBA: Luiz Alberto Gonçalves de Amorim

SEBRAE BAHIA: Franklin Santana Santos

SEBRAE CEARÁ: Joaquim Cartaxo Filho

SEBRAE PERNAMBUCO: Josiana Ferreira

SEBRAE MATO GROSSO: André Luiz Spinelli Schelini

SEBRAE GOIÁS: Marcelo Lessa

SEBRAE MINAS GERAIS: Afonso Maria Rocha

SEBRAE ESPÍRITO SANTO: Pedro Gilson Rigo

SEBRAE PARANÁ: César Rissete

SEBRAE RIO

Presidente do Conselho Deliberativo Estadual: Robson Carneiro

Diretor Superintendente: Antonio Alvarenga Neto

Diretor de Desenvolvimento: Sergio Malta

Diretor de Produtos e Atendimento: Marcelo Fiorini

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO – CRAB

Gerência: Marc Diaz

Coordenação de Articulações e Parcerias: Ana Lúcia Simões Corrêa

Coordenação de Administração e Finanças: Natalia Lorenzetti

Equipe CRAB: Betina Monnerat, Bruna Pelegrino, Bruna Santos, Edson Gonçalves, Elys Vieira, Gabriel Lopes, Graciela Urquiza Mendes, João Victor Sarmiento, Larissa Lynch, Laura Landau, Maria Eduarda Pinheiro, Mariana Carvalho, Nathalia Laurindo, Pierre Melonio, Tassiana Nascimento e Vinicius Henrique Mota

Idealizadora e Coordenadora do Projeto: Laura Landau

Realização: Instituto Zagaia Amazônia

Coordenadora Geral, Pesquisadora e conteudista: Rozana Trilha

Designer, Pesquisadora e conteudista: Sharlene Melaine

Produção: Silmara Silva

Pesquisador: Ricardo Tavares

Revisão de conteúdo: Cleamy Albuquerque

Audiovisual

Direção geral: Rozana Trilha

Direção audiovisual: Ribamar Xavier

Direção artística, roteiro e fotografia: Sharlene Melanie

Produção Executiva: Laura Landau

Trilha Sonora

Direção e produção sonora: Góia

Coordenação e poesia: Sharlene Melanie

Narração: Diego Britto, Edy Soares, Felipe Lima da Silva, Jogus Oliveira e Marcelo Nakamura



www.amazonzagaia.com.br

@amazonzagaia



©2025. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio de Janeiro – Sebrae/RJ.
Avenida Marechal Câmara, 171, Centro, Rio de Janeiro /RJ.

Bibliotecário catalogador – Leandro Pacheco de Melo – CRB 7ª 5471

T819 Trilha, Rozana

Amazônia Legal / Rozana Trilha, Sharlene Melaine e CRAB - Centro SEBRAE de Referência do Artesanato Brasileiro. – [s. n.] Rio de Janeiro/RJ, 2025.
82 p. : il. Color.

ISBN : 978-65-5818-846-9

1. Catálogo. 2. Amazônia. 3. Mapeamento. I. Sebrae/RJ. II. Centro SEBRAE de Referência do Artesanato Brasileiro. III. Melaine, Sharlene. IV. Título.

CDU 908(811.33)

CDU 908(811.33)